

# Cultura material

“We might expect artefacts to function in non-capitalist societies less as things to be thought *about*, in quantitative terms, than as things to be thought *with*, in qualitative terms”

Thomas, 1991, p. 82

Compilar um discurso inteligível a partir dos dados disponíveis sobre esta área é uma tarefa complexa, se considerarmos que se trata de informação dispersa, descontextualizada, abrangendo uma amplitude cronológica demasiado vasta (IV e III milénio a.C.). O estudo dos artefactos desta cronologia e nestas coordenadas apenas poderia ter um carácter mais afirmativo se integrasse um ou mais sítios escavados ou até mesmo se a informação arqueográfica para a área da Península de Lisboa não se encontrasse em estado (quase) letárgico.

Assim sendo, e como já foi referido no capítulo II, o estudo artefactual vai incluir num mesmo discurso realidades materiais bem distintas, situadas cronologicamente desde o Neolítico final até aos momentos terminais do Calcolítico. A leitura do espaço da Ribeira de Cheleiros é sobretudo efectuada através dos conjuntos materiais, sendo indagadas as especificidades desta área e as permanências/rupturas ao longo de mais de um milénio. Na busca de um contexto social, mental, económico, para os artefactos disponíveis, procurou-se explorar algumas perspectivas de análise usualmente não utilizáveis para artefactos descontextualizados, mas que aqui funcionam como indicador experimental.

Os núcleos centrais desta análise são **Negrais** e **Lexim**, dois povoados que apresentam cronologias e modalidades de ocupação do espaço bem diferenciadas. O complexo de sítios de **Negrais** parece ter uma das suas fases de ocupação na segunda metade do IV milénio a.C., inícios do III milénio (correspondendo a um provável Neolítico final/inícios do Calcolítico). Quanto ao sítio do **Penedo do Lexim**, a sua mais importante fase de ocupação pode ser atribuída à primeira metade do III milénio. Os outros sítios apresentam um espólio bem mais reduzido, não permitindo alguns dos procedimentos efectuados para o **Penedo do Lexim** e **Negrais**, mas apenas alguns comentários mais sucintos.

Para o complexo de sítios arqueológicos de **Negrais**, consideraram-se três núcleos: os artefactos provenientes do sítio dos **Barruncheiros**, das **Pedraceiras**, **Fonte Figueira** e o espólio artefactual proveniente das escavações de **E. Prescott Vicente** e **E. Cunha Serrão**, que engloba diversos sítios citados nos títulos publicados, mas que maioritariamente não têm proveniência clara.

Se em termos de presenças/ausências não existe qualquer relação de exclusão entre estes núcleos, uma observação mais atenta das proporções dos artefactos, nomeadamente das cerâmicas (que são o indicador cronológico possível), parece evidente que em **Pedraceiras** os momentos terminais do Calcolítico e inícios da Idade do Bronze estão bem representados por um elevado número de fragmentos de cerâmica campaniforme incisa (21 fragmentos num total de 49) e outras formas como cerâmicas com asas, pegas e determinados cordões plásticos e denteados no bordo, em tudo diversos (pasta, morfologia da decoração) do que aparentemente sucede no Neolítico final.

Outros sítios arqueológicos, como o **Funchal** e **Anços**, poderão ter registado uma ocupação similar à de **Negrais** (em termos de morfologia de paisagens ocupadas e de artefactos utilizados), embora os dados de superfície registem uma ocupação com menor intensidade.

Se usualmente o objecto de estudo de um arqueólogo é intrinsecamente incompleto, casos como o do **Penedo do Lexim** espartilham as leituras possíveis num consciente exercício indutivo, estando definitivamente perdidos alguns elementos de crucial importância.

A pedra instalada no perímetro do povoado, fraccionou boa parte da informação (e do próprio sítio arqueológico), constituindo um dos primeiros limites a um estudo artefactual. Mas é a conturbada história das investigações o óbice maior ao presente trabalho. Iniciados os trabalhos nos inícios dos anos 70, com uma curta campanha coordenada por Vítor Oliveira Jorge, Vasco Salgado e José Arnaud foi produzida uma notícia descritiva dos espólio identificado (permanecendo actualmente como a mais extensa documentação), com algumas incongruências inerentes ao estado preliminar das investigações (exemplo: identificação de cerâmica como Neolítico final-Calcolítico quando mais tarde se reconhece como integrável no Bronze final). A campanha efectuada em 1975 forneceu alguns elementos importantes para a caracterização da cronologia absoluta e relativa do povoado, sendo extremamente reduzidas as considerações de índole artefactual e estrutural. Paralelamente ao trabalho destes investigadores, outros curiosos visitaram o local, primeiro aquando da sua descoberta por um habitante local, depois ao longo dos trabalhos arqueológicos e, até mesmo, depois destas.

Para tentar colmatar as muitas lacunas de informação do Penedo do Lexim (que é, até ao momento, o único sítio com uma ocupação calcolítica considerável na área), procurou-se integrar os dados possíveis com outros povoados da Península de Lisboa, particularmente com o povoado de Olelas, que se localiza numa área próxima à da Ribeira de Cheleiros. **Olelas**, um povoado com uma investigação secular, foi objecto de variadas investigações as mais importantes das quais foram efectuadas nos anos 50 por E. Prescott Vicente e E. Cunha Serrão e num momento mais próximo nos anos 80 e 90 por João Ludgero Gonçalves. Para esta leitura comparativa apenas estudei o espólio cerâmico das antigas escavações que incluem uma descrição sumária da sua proveniência estratigráfica (Vicente e Serrão, 1958).

## I. Os recipientes cerâmicos

“Pots and broken pots constitute a major type of archaeological data. But once they are recovered from the ground, what are we going to do with them?”

Shanks e Tilley, 1992, p. 137

Os fragmentos de recipientes cerâmicos constituem sempre um objecto de trabalho privilegiado para vários tipos de leituras: estudos funcionalistas (com base em modelos etnoarqueológicos ou estatísticos), cronológico-culturais (correspondendo ao fósil director por excelência) ou até pós-modernos (uma questão de estilos...).

Para a área em estudo é inegável que apenas a cerâmica pode, na maior parte das vezes, fornecer algumas pistas de leitura considerando o tipo de trabalhos aqui desenvolvidos. A volubilidade das formas e estilos cerâmicos fazem destes recipientes um repositório de mudanças numa seriação cronológica mais ou menos fina. Assim, é compreensível o alargado espaço que dediquei ao estudo da cerâmica dos vários sítios arqueológicos em análise

e numa cronologia muito alargada que abrange vários tipos de permanências e rupturas. Trata-se sempre de confrontar duas realidades à partida similares integráveis no Calcolítico (o povoado do Penedo do Lexim e o de Olelas), compreender uma pluralidade de situações no Neolítico final (Negrais, Olelas, Funchal, Casas Velhas) e a quase totalidade dos sítios que apresenta uma longa história de ocupação.

### QUADRO 3

#### Presenças cerâmicas nos povoados de Cheleiros

	Negrais	Funchal	S.M.O.	Anços	Cortegaça	C. Velhas	Lexim	Olelas	A. Montijo
V. carenados	•	•			•	•		•	○
T.B.denteado	•	○		•	•	•		•	○
T. canelada					?		•	•	
Copo	○				?		•	•	
Folha acácia	○		○		•		•	•	○
Camp. mar		•		•	?			•	
Camp. Inc.	•	•	•	•	•	•		•	•

• presença      ○ presença reduzida (inferior a 3%)

Propostas de sequências artefacto-cronológicas não são possíveis, uma vez que escasseiam os universos comparativos, mas estão aqui inscritas evidências de inovações cerâmicas como o copo canelado, a decoração tipo folha de acácia e o campaniforme. A leitura das presenças constitui sempre uma base de estudo embora as ausências aqui não possam assumir um valor absoluto uma vez que se tratam de conjuntos descontextualizados. Particularmente grave é o caso do Penedo do Lexim e também do Penedo da Cortegaça pelo que optei pelas interrogações em todos os tipos cerâmicos que não observei directamente.

Para o Calcolítico da região, parecem contar-se um número de povoados muito restrito: sem dúvida o Penedo do Lexim e Olelas, ambos com fases de ocupação anterior, e também sítios de menor dimensão como o Alto do Montijo, Cortegaça e Alto da Vela. A caracterização artefactual desta realidade é assim de extrema fragilidade, aliás como sucede para a generalidade dos sítios da Península da Lisboa.

A cerâmica não constitui o item artefactual maioritário de Negrais, existindo apenas algumas dezenas de fragmentos bastante fragmentados. Boa parte do conjunto é constituído por cerâmica campaniforme incisa, apenas comentada superficialmente. Em sítios com uma história de ocupação que inclui dois finais de milénio (o IV e III a.C.) poderão identificar-se formas carenadas de diverso tipo, taças de bordo em aba, hemisferas com uma decoração restrita ao dentear do bordo e à aplicação de pequenos mamilos. Perfeitamente isolados estão um fragmento de “pote” calcolítico com decoração canelada profunda, e um possível fragmento de copo testemunho de uma passagem por territórios ocupados a partir de outros pontos. Este conjunto atribuível a um Neolítico final é comum a muitos dos sítios arqueológicos da zona: Funchal, Alto do Montijo, Olelas nas suas primeiras fases, Casas Velhas, Cortegaça, Anços, testemunhando um povoamento disperso. Tratando-se de sítios com várias fases de ocupação torna-se difícil distinguir os recipientes cerâmicos que corresponderiam a um Neolítico final ainda tão deficientemente caracterizado.

A ruptura não é identificável quando analisamos sítios atribuíveis ao Calcolítico, na relação formas abertas/fechadas e na permanência de algumas formas cerâmicas, mas algumas inovações de estilo vêm alterar o panorama artefactual. As centenas de fragmen-

tos cerâmicos recolhidos no Penedo do Lexim têm um valor muito relativo, uma vez que correspondem a várias fases de ocupação de um povoado com uma história ainda por conhecer. Podendo tecer alguns elementos de caracterização sumária dos recipientes lisos e da sua eventual funcionalidade, são sobretudo os fragmentos decorados que podem fornecer um enquadramento mais preciso a estas encruzilhadas da Ribeira de Cheleiros.

## 1.1 As formas e as pastas

---

### 1.1.1 Formas abertas

As presenças de **pratos** nos materiais estudados são muito circunscritas: alguns fragmentos no Penedo do Lexim, nos menires da Barreira, em Alto do Montijo. No Penedo do Lexim, o número reduzido de pratos (dez) parece confirmado no espólio das antigas escavações de Olelas, que apenas regista a presença de seis fragmentos de prato. Os prováveis diâmetros destes recipientes não são muito elevados, e apresentam vários tipos de acabamento: desde superfícies completamente polidas até fragmentos com as superfícies rugosas.

Se é evidente a importância dos pratos (com ou sem bordo espessado) no Sul Peninsular – desde os finais do IV milénio, intensificando-se a sua presença ao longo do III milénio quer em povoados fortificados ou abertos – tal não parece suceder para o Calcolítico da Península de Lisboa. O valor do prato nos contextos calcolíticos do Sul foi interpretado como uma das expressões materiais da intensificação agrícola da Revolução dos Produtos Secundários, traduzindo juntamente com a presença de elementos de moagem uma dieta alimentar fortemente dependente da agricultura (Gonçalves, V., 1989, p. 165). Verificando-se uma rarefacção do prato nos conjuntos cerâmicos da Península de Lisboa (quantificada em Liceia e no Zambujal), tal significará diferenças ao nível alimentar ou apenas diversas opções no forma suporte de consumo?

Também se devem considerar as diversas consequências sociais do uso de grandes recipientes para consumo de alimentos vs os pequenos recipientes de uso individual (dos quais o copo é o mais paradigmático).

No Penedo do Lexim verifica-se a presença de dois pratos de fundo interior decorado (com caneluras muito finas em disposição radial ou em xadrez) e em Olelas regista-se a existência de um fragmento de prato com uma linha zigzagueante, de alguma forma semelhante ao prato decorado do Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987).

A existência de pratos com o fundo decorado é comum a vários contextos calcolíticos. Por um lado surgem em povoados calcolíticos como Santa Justa, Monte da Tumba, Cabeço do Cubo e Porto Torrão. Simultaneamente também surgem em necrópoles como as grutas artificiais da Quinta das Lapas (Torres Vedras) e os *tholoi* de S. Martinho de Sintra.

As **taças** são recipientes cerâmicos que têm sido caracterizadas através do seu índice de profundidade - IP' entre 20 e 40 cm (Soares e Silva, 1975; Gonçalves, V., 1989). A separação entre taças, hemisfera e hemisferas altas tem um efectivo significado de funcionalidades distintas e que deve ser equacionado com vários descritores como a dimensão, a direcção e forma do bordo.

As formas cerâmicas simples, abertas (taças, hemisferas, hemisferas altas) baseadas em segmentos de esferas, revelam uma maleabilidade funcional que decerto contribui para a sua utilização ao longo de uma extensa diacronia.

A constância deste tipo de formas cerâmicas torna difícil a sua integração cronológica em sítios com uma grande amplitude cronológica, limitando-se a associações comparativas das pastas e de determinadas especificidades como as decorações e o tipo de bordo.

Sendo uma designação muito abrangente de boa parte das formas cerâmicas deste período (Gonçalves, V., 1995) torna-se difícil uma correcta interpretação desta forma. As taças parecem ser uma das formas mais utilizadas pelas comunidades dos finais do IV milénio, mas também pelas dos inícios do III.

- as decorações denteadas são usualmente efectuadas sobre o bordo de taças. Não sendo exclusivo deste período, este tipo de decoração assumiu para alguns autores um protagonismo de indicador cronológico do Neolítico final. A existência de alguns recipientes com este tipo de decoração tornou-se muitas vezes mais importante que a caracterização do todo;

- as taças/vasos de bordo em aba (com ou sem bordo denteado) surgem neste momento e continuam a constar do conjunto cerâmico utilizado ao longo do III milénio;

- taças de bordo plano de espessado internamente, muito prováveis antecessoras das taças tipo Palmela;

- taças simples, não decoradas, como o bordo em bisel ou arredondado;

- algumas taças carenadas.

A importância destas formas permanece ao longo do Calcolítico com :

- as taças decoradas com caneluras (que apresentam uma maior longevidade e abrangência contextual que os copos canelados);

- as taças/hemisferas com decoração de folha de acácia;

- taças decoradas internamente (Penedo do Lexim, Olelas),

- as taças de bordo em aba;

- e as muitas taças simples, de dimensões variadas, que surgem abundantemente (por exemplo no Penedo do Lexim).

As **hemisferas** são um recipiente cerâmico com a forma baseada na calote de esfera, apresentando um IP' entre 40 e 60. Esta forma cerâmica encontra-se representada em todos os sítios analisados, como forma que vai permanecendo desde momentos mais antigos do Neolítico.

Para o Penedo do Lexim, conta-se um número elevado de recipientes cerâmicos que correspondem a uma calote de esfera um pouco mais alongada que a metade de uma esfera, a **hemisfera alta**, com diâmetros muito abrangentes. Estes recipientes têm uma dimensão média/grande, com sinais de utilização (marcas de fogo e gatos), bem como com alguns exemplares com perfurações para suspensão. O tratamento de superfície das hemisferas/hemisferas altas é muito variado, existindo pastas rugosas mas igualmente recipientes com engobe interno e superfícies externas polidas.

### 1.1.2 Formas fechadas

O **esferoidal**, é uma forma que corresponde basicamente a uma esfera a que foi retirado o seu topo. Esta forma corresponde muitas vezes a recipientes de paredes espessas e grandes dimensões, associadas a funções de aprovisionamento. Surgindo em variados tipos de contextos (por exemplo em Negrais ou Funchal), este vaso surge particularmente associado ao III milénio a.C.

Os vasos de provisões fechados e frequentemente decorados com as características caneluras profundas e folhas de acácia são, muitas vezes, denominados **potes** (embora

esta designação também abranja obviamente os globulares de maiores dimensões). Este tipo de recipientes está apenas presente no Penedo do Lexim (48 fragmentos) e somente um fragmento de Negrais, surgindo também no Alto do Montijo. Esta forma é uma das mais recorrentemente decoradas pelas características combinações de caneluras e impressões tipo folha de acácia. Se não existe uma relação imediata entre esta forma e um determinado “estilo” de decoração, preconizado pela decoração com folhas de acácia, podemos no entanto verificar que aos potes está associado uma temática decorativa de sobreposição de motivos horizontais (não sendo possível determinar a extensão da área decorada) e a uma técnica de impressão e canelura que produzem uma penetração profunda na pasta. O estado de conservação de muitos dos fragmentos decorados permite-nos apenas deduzir tal associação, considerando as espessuras das paredes e a orientação provável dos bojós.

Também os **esféricos** (o recipiente cerâmico que iguala ou ultrapassa 3/4 da esfera) estão presentes na cerâmica do IV e III milénio (de destacar um recipiente com decoração canelada, proveniente do Penedo do Lexim). Os **globulares** (recipiente cerâmico de forma globular com o colo distinto e um bordo mais ou menos exvertido) apenas foram identificados no Penedo do Lexim e em Olelas.

### 1.1.3 Formas carenadas

A **taça carenada** tem sido continuamente referida como parte de um conjunto artefactual que é associado ao Neolítico final. Não sendo clara a aplicabilidade estrita dessas associações artefactuais à generalidade dos contextos habitacionais do Centro e Sul de Portugal (Gonçalves, V., 1991), a presença, ainda que minoritária, de cerâmica carenada poderá fornecer alguns indicadores cronológicos e culturais.

O vaso carenado é uma forma fechada composta, integrando uma forma muitas vezes hiperbolóide com um segmento de esfera, separando-se estas duas formas por um ponto de ruptura abrupto. O seu surgimento em variados contextos do Neolítico final poderá reflectir alguma mudança dos hábitos alimentares (num raciocínio similar ao dos pratos calcólicos): “the very widespread of the carinated bowl form in fourth/third millennia BC may be connected with an equally generalized set of ideas about how food should be handled and consumed” (Thomas, 1991, p. 74).

Na Península de Lisboa parece plausível uma generalização das formas carenadas nos finais do IV milénio a.C e o seu desaparecimento ao longo do III. Assim, em Liceia as formas carenadas surgem fundamentalmente no nível de Neolítico final, persistindo em baixa proporção ao longo da ocupação calcólica do povoado. Também no Zambujal existe uma pervivência residual de formas carenadas (Sangmeister e Schubart, 1981, formas Ia4, Ib2), embora a proveniência estratigráfica seja, neste caso, de difícil compreensão (vejam-se as dificuldades em correlacionar estratigráfica e cronologicamente as cerâmicas decoradas em Kunst, 1987 e Kunst, 1995). Na Fórnea refere-se a baixa frequência de formas carenadas (Gonçalves, J., 1994).

O número de fragmentos carenados de Penedo do Lexim é muito escasso e de caracterização ambígua (podendo até representar um momento mais tardio da ocupação do sítio, ao longo da Idade do Bronze).

A designação de formas carenadas engloba uma amplitude de sub-tipos relacionados com área do ponto de inflexão e subsequentemente com uma relação de abertura e profundidade. Estas diferenças formais deveriam traduzir a diversidade de funcionalidades e significados.

Assim podemos constatar a presença de recipientes com uma carena situada no terço superior do recipiente, recipientes muito fechados e que são aqui designados por **vasos de carena alta**. Contrastando com esta morfologia, as formas com uma carena colocada no terço inferior do recipiente e que por isso são designadas por **taças carenadas** (embora raramente sejam formas abertas) com uma relação índice de profundidade/índice de abertura semelhante ao das taças. Os **vasos de carena média** escasseiam.

Uma leitura da relação entre o diâmetro de carena (dc) e o diâmetro externo de abertura (dea) das formas carenadas de sítios de Negrais poderá fornecer uma imagem das dimensões reduzidas da maioria destes vasos e da sua estreita abertura.

As formas carenadas são um dos elementos caracterizadores da cerâmica dos sítios de Negrais. Surgem abundantemente em Negrais-Pedraceiras, Negrais-Pedra Furada e, sobretudo, em Negrais-Barruncheiros.

Para o complexo de sítios de Negrais, os fragmentos com carena são relativamente numerosos (39) dos quais 31% são vasos de carena alta, 12% de carena média, 26% de taças carenadas e 31% de formas carenadas não identificáveis.

As pastas destes recipientes são maioritariamente compactas (54%), verificando-se igualmente as pastas semi-compactas (26.2%) e pouco compactas (18%). A cozedura das formas carenadas é tendencialmente oxidante (53%), oxidante com arrefecimento redutor (10%), redutor (20%) e redutor com arrefecimento oxidante (17%). O tratamento de superfície destes recipientes é bastante diferenciado verificando as superfícies rugosas (54%), alisadas (33.3%), com engobe (2.5%).

Também em Casas Velhas as formas de carena alta e taça carenada apresentam características idênticas às de Negrais, com pastas semelhantes.

Em Olelas a percentagem de formas carenadas é bastante elevada, sobretudo nos níveis inferiores, persistindo residualmente. O tratamento de superfície é consideravelmente mais cuidado que em Negrais, com superfícies polidas, com engobe, algumas apresentam decoração na linha da carena.

#### 1.1.4 Copos

Este tipo de recipiente caracteriza-se sumariamente pela sua forma cilíndrica e em tronco de cone. Inerente ao próprio tipo é também a sua pequena dimensão. Desde finais do IV milénio a.C. que o copo surge no registo arqueológico como uma inovação ao leque de formas já existentes. Em cerâmica (com tratamentos e decorações bem diferenciadas), em calcário ou até mesmo em osso, surge em contextos de necrópoles bem diversos (grutas artificiais, *tholoi*, antas) e em povoados com características formais distintas.

A sua provável funcionalidade não teria correspondência anterior nos conjuntos artefactuais no Sul peninsular, estando praticamente ausente em povoados mais meridionais. Ocasionalmente, surgem copos em contextos de necrópoles atribuíveis ao III milénio (*tholoi*) em alguns contextos habitacionais (nomeadamente na área de Badajoz) mas sem as características formais, de pastas e decorações dos recipientes da Baixa Estremadura.

Um determinado tipo de copos, com forma hiperbolóide e decoração canelada/brunida, foi durante muito tempo designado por “cerâmica de importação”, evidência cerâmica das novas “aquisições orientais” do Calcolítico das torres e do cobre. A falência dos modelos estritamente orientalizantes veio esvaziar de significado esta terminologia, aliada à diversificação dos contextos em que os copos surgem.



Aparentemente este tipo cerâmico não tem um significado único no espaço e no tempo, sendo necessário redimensionar os nossos conhecimentos para distinguir a existência de contextos.

A questão da excepcionalidade dos copos é ainda pouco clara. Por um lado, devemos salientar o número reduzido de sítios da área da Ribeira de Cheleiros com fragmentos de copos: no Penedo do Lexim quantificaram-se menos de uma dezena (os valores são pouco fiáveis), em Olelas contam-se 17 fragmentos de copos no espólio das antigas escavações e existe um fragmento isolado de Pedra Furada (Negrais). Mesmo considerando o tipo de contexto, parece que de facto o número de copos em povoados (e necrópoles) não era muito elevado. A rarefacção de um artefacto será assim sinónimo imediato do seu carácter excepcional?

Devemos por outro lado considerar o tipo de contexto em que estes copos surgem: em povoados fortificados como o Penedo do Lexim e Olelas, mas também em povoados esparsos como Pedra Furada ou Alto do Dafundo. A inconstância das suas características é também um factor a considerar: mais do que os motivos decorativos, são as pastas de natureza muito diversa (polidas e brunidas mas também rugosas e com muitos elementos não plásticos em alguns fragmentos de Olelas).

## 1.2 Decoração

---

Se a forma pode reflectir alguns padrões de comportamento (dificilmente compreensíveis em contextos em que a estatística não é aplicável), o estilo poderá colmatar lacunas de informação e funcionar como descritor mais fiável das relações de poder e estratégias sociais (Shanks e Tilley, 1992). As características utilitárias dos artefactos não são um descritor maior, mas sim parte integrante de um grupo de códigos de leitura.

A decoração nas cerâmicas dos povoados da área não é característica maioritária, contudo é ainda um descritor muito significativo para uma integração cronológica e cultural. Por vezes recipientes sem qualquer significado cronológico-cultural imediato (como as formas hemisféricas, taças, esféricos lisos) tornam-se de difícil compreensão em sítios como em Negrais com vários momentos de ocupação.

Os modelos decorativos são um conjunto de padrões intercruzáveis com outras realidades, como por vezes parece suceder com os recipientes em osso e em pedra. A leitura dos códigos de leitura para os motivos decorativos do Neolítico final e Calcolítico deverá transcender uma mera sistematização formal de geometrias e associações. As histórias e referentes suscitados por um específico tipo de decorações muito raramente é inteligível (como por exemplo para os triângulos), a existência de espirais, círculos concêntricos, losangos e outros tipos de decoração não são meras referências a cestos mas poderão também remeter-nos para fenómenos naturais como a chuva, a água, vegetação, o sol e a lua ou o corpo humano (Thomas, 1996, p. 159).

A variabilidade das decorações cerâmicas do Neolítico final (denteados de variadíssimo tipo, novos tipos de cerâmica impressa e canelada) contrasta com os padrões mais normalizados da cerâmica calcolítica (Jorge, 1990, p. 190, 191). A variabilidade formal do tipo de artefactos (bem como o tipo de implantações, necrópoles associadas...) pode indiciar a heterogeneidade das comunidades do Neolítico final, que, sob uma superestrutura comum, adoptam diversas identidades.

A uniformização da decoração ao longo do Calcolítico poderá reflectir uma maior circulação de padrões estéticos no espaço da Baixa Estremadura e uma restrição das variabilidades locais: "pour maintenir des traditions de fabrication et de style sur plusieurs siècles

et sur un vaste territoire, la liberté de l'artisan a dû nécessairement être entravée" (Colomer, Coularou e Guthertz, 1990). Apenas com a publicação sistemática de catálogos de padrões decorativos dos sítios arqueológicos neolíticos e calcolíticos desta área é que se poderão identificar especificidades locais e pontos de divergência, já que uma observação sumária parece apontar para um largo fundo comum.

Para o Penedo do Lexim, as cerâmicas decoradas representam uma fracção reduzida (pouco mais de meia centena de fragmentos num universo de 652), embora se deva mais uma vez realçar que a imagem com que lidamos foi decerto adulterada pelas circunstâncias específicas dos materiais em análise e apenas solucionada pela publicação do espólio de uma escavação com mais de duas dezenas de anos.

A proporção de cerâmica decorada de um povoado não pode ser efectuada em termos numéricos quando não se dispõe de amostras significativas provenientes de escavações extensas, veja-se por exemplo o caso da Fórnea, povoado estudado por K. Spindler e G. Galay nos anos 70, com um conjunto de cerâmica decorada muito significativa, proveniente de escavações de Ricardo Belo. Uma posterior sondagem realizada por Ludgero Gonçalves neste mesmo povoado não tem uma correspondência com a anterior publicação, como parece indicar o número reduzido de fragmentos cerâmicos decorados encontrados no decurso da escavação (Gonçalves, J., 1994). Ainda não foi publicada a real proporção entre a cerâmica decorada e a lisa em estratigrafia, sendo apenas referido circunstancialmente que a cerâmica não decorada é dominante no Zambujal. Em Vila Nova de São Pedro as escavações realizadas por Victor Gonçalves demonstraram que a cerâmica decorada constituía um número reduzido (Gonçalves, V., 1989, p. 330). Sem conhecer as proporções relativas da cerâmica decorada podemos porém realçar a multiplicidade das suas expressões. Esta situação contrasta com o que sucede para as áreas meridionais, onde praticamente não existe cerâmica decorada calcolítica, e aproxima-se de realidades nortenhas (por exemplo nos povoados de Chaves - Vila Pouca de Aguiar), onde se verifica uma percentagem significativa de cerâmicas profusamente decoradas.

A abordagem possível restringe-se apenas a uma leitura de presenças e ausências na cerâmica do Penedo do Lexim. As cerâmicas decoradas deste povoado são representativas da diversidade dos padrões e técnicas decorativos do Calcolítico estremenho, integrando materiais dos diversos momentos da ocupação do povoado: cerâmicas caneladas (copos e vasos hemisféricos), brunidas (copos), impressas (com os padrões em folha de acácia e crucíferas), com caneluras fundas (motivos compósitos).

Estes tipos decorativos tipicamente calcolíticos de Lexim e Olelas contrastam com o que sucede para os sítios de Negrals (Barruncheiros, Pedraceiras), em que a decoração é muito mais reduzida, estando ausentes as caneluras, incisões ou impressões (a presença de um

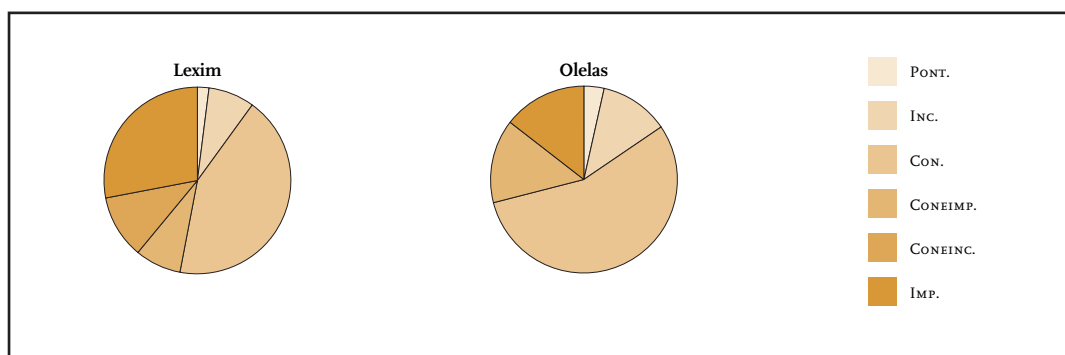


FIG. 20 – Cerâmica decorada do Penedo do Lexim e Olelas - perspectivas comparadas.

fragmento com caneluras fundas, típica dos grandes vasos de aprovisionamento calcolítico é meramente circunstancial) mas com alguma variedade de decorações plásticas. Os mamilos estão presentes mas o que marca as cerâmicas destes sítios é a decoração do seu bordo, em todas as modalidades que a expressão *bordo denteado* engloba. Ocasionalmente, surgem alguns vasos carenados decorados na linha da carena com curtas incisões verticais.

### 1.2.1 *Decoração denteada*

Este tipo de decoração do bordo foi interpretado como um dos fósseis directores do que foi chamado de “grupo” ou “horizonte” da Parede, conceito recentemente desmontado (Gonçalves, V., 1991, 1995) evidenciando-se agora a fragilidade dos contextos que baseavam essa seriação cronológica. Dos habitats que sustentavam essa formulação contavam-se também os sítios de Negrais, então investigados por Cunha Serrão.

A particularidade do bordo decorado com a designação de denteado tem variadas modalidades de execução (observadas nos artefactos em estudo):

1. através do repuxamento da pasta
  - a). no topo do bordo
  - b). na sua face externa mais próxima;
2. incisão de pequenos traços
  - a). no topo do bordo
  - b). na sua face externa mais próxima;
3. aplicação de um cordão sobre o bordo que é decorado através das modalidades 1 e 2.

O “bordo denteado” surge desde momentos mais antigos do Neolítico prolongando-se até momentos mais recentes, ao longo da Idade do Bronze.

A proporção dos bordos denteados nos conjuntos cerâmicos do Neolítico final da Península de Lisboa não foi ainda contabilizada para contextos estratigrafados.

Para o nível de Neolítico final de Liceia apenas é referida a abundância deste tipo de decoração, referindo-se frequentemente a preponderância quantitativa das “taças de bordo em aba decorada por impressão” (Cardoso, 1989), apenas uma das várias formas de bordos denteados presentes em contextos como Parede, Montes Claros...

Geralmente, e para os sítios do IV milénio da Península de Lisboa, o denteado é aplicado nos bordos de pequenas taças, embora possa surgir também em hemisferas.

Que funcionalidade específica para as taças de bordo denteado (maioritariamente de pequenas dimensões, com diâmetros que em Negrais oscilam entre 19,6 cm e 23,3 cm)?

Nos sítios da Ribeira de Cheleiros, foram identificados alguns bordos denteados em Anços, Funchal, Alto do Montijo. Totalmente ausente da colecção que pude observar do Penedo do Lexim, encontra-se particularmente bem representada em Negrais, tanto em Barruncheiros, Pedra Furada e em Pedraceiras, em Casas Velhas, Olelas e Cortegaça.

Bordos denteados surgem igualmente em contexto de necrópole em contextos tão diferenciados como Folha das Barradas; Alapraia 2, Trigache e Praia das Maças.

### 1.2.2 *Decoração plástica*

Em Negrais-Pedraceiras surgem alguns cordões plásticos denteados que aparentam pertencer já a momentos finais do Calcólítico, inícios da Idade do Bronze. Em nenhum outro dos sítios em análise surgem estes elementos de decoração plástica, à excepção de Olelas onde inclusivamente surgem cordões com impressões tipo folha de acácia.

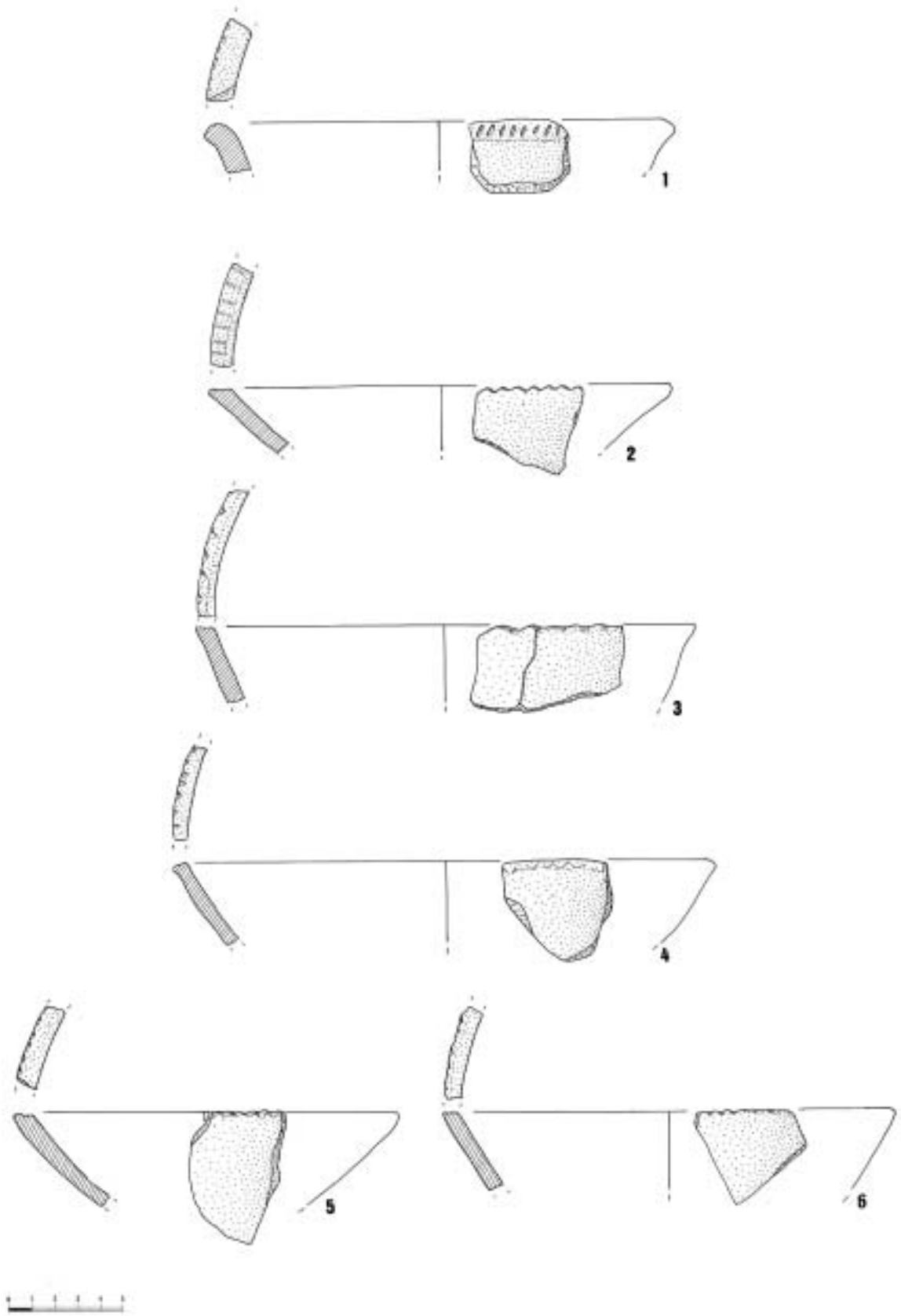


FIG. 21 – Bordos denteados de Negrais.

No Penedo do Lexim, as cerâmicas mamiladas são muito reduzidas (três fragmentos). O recipiente globular com decoração pontilhada (Gonçalves, J., 1990) parece corresponder a um tipo de evidência completamente ausente do conjunto que observei.

No complexo de sítios de Negrais os mamilos são meramente decorativos, aplicados sobre vasos hemisféricos/paredes rectas de reduzidas dimensões e espessuras reduzida, correspondendo a aplicações plásticas de pequena dimensão.

### 1.2.3 *Perfurações (funcionais e decorativas)*

Em vários contextos surgem cerâmicas com perfurações, mas deverá evidenciar-se a abundância de fragmentos de cerâmica perfurada no Penedo do Lexim (35 fragmentos). Alguns destes correspondem decerto a “gatos” de reparações (forma cónica) efectuados após a cozedura, outras perfurações estarão associadas a uma eventual função de suspensão; e um pequeno número são, de facto, meramente decorativos. Estas perfurações surgem sobretudo em recipientes de dimensão média/grande (hemisferas e hemisferas altas).

### 1.2.4 *Decoração não plástica*

A decoração não plástica – impressa, incisa, canelada – tem constituído ponto fundamental para caracterizar uma sequência calcolítica baseada em escassos contextos escavados (Liceia, Vila Nova de São Pedro, Rotura).

Apesar da abundância de sítios calcolíticos escavados na Estremadura e do valor “cronológico” com que se revestiu a decoração, são escassas as propostas de sistematização dos padrões decorativos deste tipo, todas com carácter monográfico.

A primeira tipologia foi efectuada nos anos 60 para o estudo do povoado da Pedra d' Ouro (Leisner e Schubart, 1966). Aqui, engloba-se num único quadro todo o tipo de decorações “präkampaniformen” num esforço descritivo que resulta pouco explícito.

Também para o povoado do Pedrão (Soares e Silva, 1975), se efectua uma sistematização genérica dos motivos decorativos aí identificados, que apresentam consideráveis diferenças com as presenças no Penedo do Lexim.

Só com a publicação da cerâmica campaniforme e de “folhas entalhadas” do Zambujal proveniente das escavações aí realizadas entre 1964 e 1973 (Kunst, 1987) é que se procede a um estudo sistemático deste tipo de decoração (aguardando-se igual procedimento para as outras cerâmicas decoradas do Zambujal), com uma amostra suficientemente abrangente para poder ser aplicada a muitos dos contextos calcolíticos da Estremadura. Com algumas variantes, pode-se constatar a constância de muitos dos motivos e padrões decorativos nas cerâmicas do III milénio a.C.

Nos sítios da Ribeira de Cheleiros, apenas um número restrito de contextos tem cerâmica impressa e canelada:

Em **Alto do Montijo**, um povoado de pequena dimensão com uma ocupação desde o Neolítico final até ao Calcolítico tardio, onde nunca se efectuaram escavações, identificou-se um reduzido número de fragmentos com decoração impressa: um bojo com decoração tipo folha de acácia, um fragmento com triângulos incisos (Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas) e cerâmica decorada com punção arrastado (materiais em depósito no Museu dos Serviços Geológicos). O reduzido número de fragmentos com este tipo de decorações é particularmente significativo face ao número de campaniforme inciso aqui recolhido.

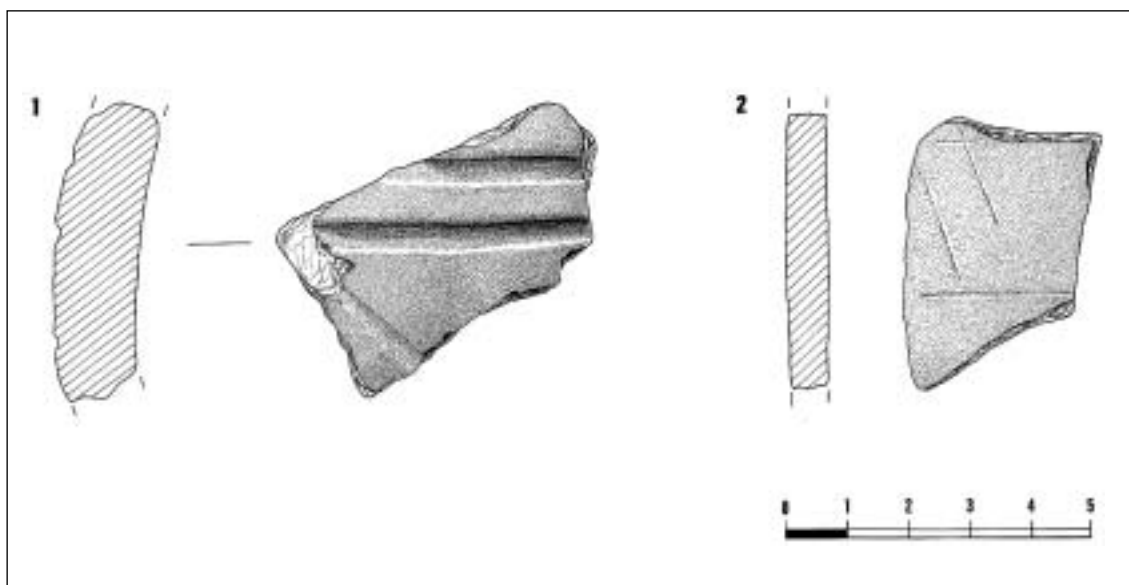


FIG. 22 – Únicos casos registados de cerâmica decorada calcolítica (não campaniforme) em Negrais - 1: sem especificação de proveniência dentro do complexo de sítios de Negrais, 2 - Pedra Furada.

Em **Negrais** a cerâmica decorada é reduzida, correspondendo a decoração em falsa folha de acácia, com motivos, aplicações plásticas e pastas bem diferenciadas e que deverão corresponder a um momento mais antigo do Neolítico (Simões, no prelo). No vasto espólio estudado (cerca de 1500 registos) apenas existe um fragmento de pote com decoração canelada e um fragmento de copo (Pedra Furada), elementos claramente insuficientes para caracterizar uma ocupação dos primeiros séculos do III milénio.

O sítio de **S. Miguel de Odrinhas** é apenas conhecido através das antigas escavações, direccionadas para períodos mais recentes mas aonde foi identificado um conjunto de materiais pré-históricos com escassa cerâmica: dois fragmentos decorados a punção e com decoração impressa.

Como já foi anteriormente referido, o caso do **Penedo da Cortegaça** é dificilmente compreensível: a coexistência de taças de bordos denteado e de cerâmica decorada com folha de acácia encontra-se deficientemente documentada (Gomes, 1970, 1978) quer gráfica quer contextualmente.

Na área da Ribeira de Cheleiros são sem dúvida os dois povoados fortificados **Penedo do Lexim** e **Olelas** que apresentam uma maior diversidade de decorações não plásticas.

#### 1.2.4.1 Cerâmica canelada fina

Usualmente são abrangidas pela mesma expressão as taças hemisféricas decoradas com linhas horizontais grupadas (por vezes em associação com outros motivos) e os copos: a chamada “cerâmica de importação”. A designação de canelura é comum a vários tipos de recipientes e pode estar associada a diversos tipos de decoração (inclusive folha de acácia, motivos geométricos). O que aqui designo por cerâmica canelada são os recipientes que apresentam finas caneluras que, por vezes, quase se confunde com brunido, associadas geralmente a formas hemisféricas e a copos.

No conjunto de cerâmica decorada do Penedo do Lexim que pude analisar, as cerâmicas caneladas estão particularmente bem representadas (correspondendo a 44% do conjunto de cerâmica decorada).

- Formas baseadas na hemisfera

As hemisferas/taças decoradas com linhas horizontais, no terço superior da hemisfera compostos de três ou mais linhas de largura diversa são bastante representativas na cerâmica decorada do Penedo do Lexim (20 fragmentos que correspondem a 36.8% no total). Aparentemente este tipo de decoração sobre formas hemisféricas terá tido uma maior perduração cronológica que os copos, persistindo ao longo de toda a sequência de ocupação em sítios com Liceia ou Olelas.

No Penedo do Lexim, estas cerâmicas são quase todas caneladas (duas apresentam finas incisões mas com a mesma organização decorativa) e de pastas compactas.

A cozedura destes fragmentos é predominantemente oxidante (35%) e oxidante com arrefecimento redutor (35%), registando-se ainda as cerâmicas de cozedura redutora (20%) e redutora com arrefecimento oxidante (10%). O tratamento de superfície é heterogêneo, escasseando as cerâmicas com pior acabamento.

Os motivos decorativos destas taças/hemisferas caneladas são os grupos de linhas horizontais junto ao bordo (em grupos de três ou mais) estando igualmente documentados padrões que associam esta decoração linear a linhas oblíquas ou a guirnaldas de semi-círculos (Arnaud, 1974-77). Em Olelas as taças caneladas são igualmente a decoração dominante.

- Copos

No Penedo do Lexim o número de copos é reduzido, correspondendo a três fragmentos de fundo, dois bordos e quatro bojos.

Não se encontram publicadas quantificações das presenças relativas de copos em contextos escavados (e muito menos em estratigrafias preservadas) mas para vários povoados foi identificado um posicionamento nas primeiras fases do Calcolítico.

Na pequena amostra de copos canelados do Penedo do Lexim, os motivos utilizados são bastante regulares, predominando os copos com caneluras horizontais (mais ou menos fundas) em campos junto ao bordo ou junto à linha de inflexão do fundo; e registando-se alguns copos que combinam as linhas caneladas com motivos geométricos (métopas, xadrez) gravados muito superficialmente quase brunidos.

Os motivos decorativos grosseiramente apresentados têm uma disposição diferencial na superfície da peça: “decorado apenas em duas áreas, uma abaixo do bordo e outra acima do fundo ou (...) também o espaço mesial decorado” (Gonçalves, V., 1995, p. 263).

Estas duas modalidades estão presentes em muitos dos contextos com copos com outras formas geométricas como o ziguezague, o espinhado, as linhas oblíquas.

No Alto do Dafundo (Serrão e Gonçalves, J., 1979), bem como em Liceia (Cardoso, Soares e Silva, 1982/83) é referida a presença de dois tipos de pastas: pastas de cor castanho-avermelhada, superfície muito polida e pasta de cor negra.

Esta dualidade também está presente nos fragmentos de copo do Penedo do Lexim, enquanto que o fragmento de copo de Pedra Furada tem pasta negra pouco tratada. As pastas dos fragmentos de copos são compactas, equilibradamente redutoras (3), oxidantes (3) e oxidantes com arrefecimento redutor (2). Os tratamentos de superfície incluem pastas aliçadas (2), com aplicação de aguadas (1) e polidas (5).

Apenas se recolheu um fragmento de copo da Pedra Furada com caneluras e decoração brunida mas com um tratamento de superfície diverso do que sucedia para Penedo do Lexim.

#### 1.2.4.2 Cerâmica impressa e canelada

##### A • Folha impressa

No que diz respeito à cerâmica decorada com folha de acácia, seguirei alguns dos princípios organizativos do trabalho de Michael Kunst: isolar os motivos de acordo com princípios básicos de disposição das folhas de acácia e paralelamente caracterizar o tipo de folha. A combinação dos motivos em padrões resulta num exercício de leitura arriscado: na maior parte dos casos lidamos com fragmentos de bojo ou pequenas partes junto ao bordo (não se conhece qualquer exemplar intacto) onde a sequência visível não é total; além de que a probabilidade das sequências é quase ilimitada como seria de esperar em contextos de cerâmica pré-histórica onde as modas têm por vezes um carácter local ou até mesmo individual. Para outro tipo de cerâmica (decoreção canelada), a sua pequena dimensão e a existência de alguns recipientes inteiros (sobretudo em contextos de necrópole), facilita um pouco esta tarefa.

Apesar de um princípio genérico de utilização dos motivos e não das suas combinações, as subdivisões de M. Kunst nos tipos decorativos escapam por vezes a este propósito: encontrando subdivisões com o número de fiadas de folhas, bem como a utilização do tipo de folha como critério de subdivisão (comprimento da folha, por exemplo).

A designação “folha de acácia”, embora equívoca, foi aqui mantida, uma vez que já se encontra vulgarizada no vocabulário arqueológico. A expressão “folhas entalhadas” defendida por M. Kunst engloba: folha de acácia e crucíferas (impressas com uma matriz) e falsa folha de acácia (utilização de um punção). A questão da *verdadeira* e *falsa* folha de acácia permanece em aberto: presente em contextos claramente calcolíticos como o Zambujal (Kunst, 1987, 1995) onde não foi ainda identificada uma ocupação anterior (ao contrário de Liceia ou Olelas), a falsa folha de acácia encontra-se conotada com sítios do Neolítico antigo/antigo evolucionado e associada a formas, padrões decorativos e componentes plásticos característicos deste período.

Para o Penedo do Lexim, não foi identificado qualquer fragmento cerâmico com decoração deste tipo (embora a amostra seja reduzida).

##### A • Tipos de folhas impressas

As características das matrizes utilizadas para as impressões deste tipo não são consideradas como um descritor para um quadro geral de motivos decorativos, embora se integrem num esquema de classificação, assim podemos encontrar, segundo M. Kunst (1987):

F1. oval	(Kerbenform 1, oval)
F2. aguçada	(Kerbenform 2, spitz)
F3. oval aguçada	(Kerbenform 3, spitzoval)
F4. unguiforme	(Kerbenform 4, fingernagelförmig)
F5. oval alongada	(Kerbenform 5, langoval)
F6. gota	(Kerbenform 6, tropfenförmig)
F7. traço	(Kerbenform 7, schförmig)

As cerâmicas decoradas com impressões tipo folha do Penedo do Lexim incluem toda esta variedade de matrizes, sob diferentes disposições.



- A1 folha de acácia vertical (K1-horizontale Kerblattverzierung)
- A2 folha de acácia horizontal (K2-verticale Kerblattverzierung)
- A3 crucífera (K3- Kreuzblatt)
- A4 folha de acácia oblíqua horizontal (K4 schräg liegende Eindrücke); não identificada

Num conjunto tão restrito como este é muito difícil sistematizar motivos e padrões decorativos, mas deve ser salientado que existem todas as disposições atrás referidas com excepção da A4 (folha de acácia oblíqua horizontal).

#### B • Linhas horizontais

Recipientes decorados com sequências de caneluras horizontais fundas realizadas através de um punção rombo. Este motivo está presente em associação simples ou combinado com outros motivos impressos, incisos ou canelados.

No conjunto em análise apenas se identificam:

- B1-linhas isoladas (por vezes surgindo associadas a outros motivos decorativos)
- B2-conjunto de linhas (2 ou mais)

#### C • Triângulos

No Penedo do Lexim, apenas observei dois fragmentos de cerâmica decorada com triângulos preenchidos por linhas oblíquas. Tratando-se de fragmentos de bojo não é possível perceber se este motivo era combinado com qualquer outro tipo de decoração. O número reduzido de triângulos (ou outras formas geométricas, como os losangos) pode apenas ser uma circunstância do tipo de amostra.

Em Olelas, foram recolhidos vários fragmentos de bojo e de bordo com triângulos incisos ou canelados, alguns dos quais se podem integrar na chamada cerâmica simbólica (triângulos preenchidos com impressões, algumas das quais preenchidas a pasta branca).

#### D • Xadrex

A decoração com linhas oblíquas inter cruzadas formando XX é exclusiva de Olelas (na área em estudo já que esta aparece em muitos povoados calcolíticos como o sítio da Penha Verde na Serra de Sintra). A proporção de cerâmica com este motivo decorativo ascende os 37% do total, sendo utilizado em várias formas cerâmicas (Hemisfera Alta, Hemisfera, Pote, Copo), por vezes combinando faixas horizontais com caneluras fundas.

#### • Combinações/padrões

As cerâmicas decoradas com impressões e/ou caneluras profundas apresentam vários tipos de combinação dos motivos decorativos atrás mencionados : A-folha de acácia; B-motivos lineares; C-triângulos.

A presença destes elementos decorativos num fragmento cerâmico é de variado tipo:

1. simples - Com uma amostra extremamente fragmentada, difícil é saber se a presença de um só motivo representa de facto uma opção, ou se é o resultado de uma fractura. Assim mesmo se pode referir que no conjunto das cerâmicas decoradas com impressões tipo folha de acácia, somente seis apresentam um só motivo, com as disposições atrás referidas.

2. compósito - A designação de padrão compósito inclui a utilização de linhas hori-

zontais (usualmente caneluras profundas) com impressões, a combinação dos vários tipos de motivos ou a utilização conjunta de linhas e motivos. A maior parte das cerâmicas do Penedo do Lexim apresenta um padrão compósito.

Dos artigos publicados sobre o Penedo do Lexim, a caracterização das pastas das cerâmicas surge inexplicavelmente como um dos itens mais focados (considerando que se tratava dos primeiros resultados de uma escavação preliminar...)

As decorações nas cerâmicas são abordadas através da caracterização das suas pastas: “Tanto os fragmentos decorados com caneluras, como os que ostentam motivos impressos do tipo “folha de acácia”, são de pasta de grande ou média grandeza, de núcleo castanho escuro ou avermelhado, com desengordurante arenoso, de grão médio, por vezes grosso, e abundante, sem engobo (...), com uma fina camada de engobo castanho avermelhado, ou ainda apenas com uma aguada de polimento superficial, que lhes dá uma tonalidade castanha escura, ou negra” (Arnaud, Salgado e Jorge, 1971, p. 117-118).

A cerâmica decorada com impressões de folha de acácia, caneluras fundas e motivos geométricos do Penedo do Lexim tem uma cozedura tendencialmente oxidante (70%), verificando-se ainda cozedura oxidante com arrefecimento redutor (15%) e redutor com arrefecimento oxidante (15%), apresentando uma clara diferença da cerâmica canelada (taças e copos).

O tratamento de superfície deste tipo de cerâmicas decoradas é muito variável, predominando o cuidado no seu acabamento através da aplicação de aguadas (2), engobe vermelho (4), polimento (3), alisamento (3). Registam-se ainda superfícies rugosas (4). Esta diversidade de tratamentos de superfície só poderia ser entendida numa perspectiva fina das fases de ocupação do povoado, englobando todo o tipo de cerâmicas. No povoado de Liceia, por exemplo, “nota-se uma degradação ao atingir-se o horizonte da cerâmica decorada por folha de acácia, facto também verificado na Rotura” (Cardoso, 1989, p. 114), ao Calcolítico inicial com pastas cerâmicas duras e brilhantes, com superfícies bem alisadas, brilhantes pela aplicação de aguadas, sucede um período onde as pastas são mais grosseiras e de acabamento imperfeito.

A decoração com folha de acácia está predominantemente associada a formas fechadas como os esféricos com o bordo muito introvertido que quase correspondem uma esfera ligeiramente incompleta e, que pelas suas dimensões (diâmetro de abertura e máximo, suposta altura e sobretudo a sua espessura, normalmente o único elemento disponível), deveriam corresponder a vasos de provisões.

Em boa parte dos povoados surge igualmente um recipiente cerâmico de paredes tendencialmente rectas (de alguma forma similar ao copo) com motivos em folha de acácia dispostos horizontalmente.

Também sobre formas abertas como as hemisferas e as taças foi aplicada este tipo de decoração (embora com ligeiras diferenças, como seja a dimensão da matriz, a profundidade que esta é impressa e, em geral, a menor complexidade dos motivos utilizados). Deve-se mesmo realçar que nestas formas abertas a decoração com folhas de acácia não se limita à superfície externa, existindo algumas taças decoradas internamente (Olelas e Zambujal, por exemplo).

#### 1.2.4.3 Pontilhado

A decoração pontilhada é usualmente integrada no conjunto campaniforme, mas a especificidade de alguns fragmentos cerâmicos decorados a pente presentes em toda a Estremadura (nas formas, motivos decorativos), conduziu a uma proposta alternativa com

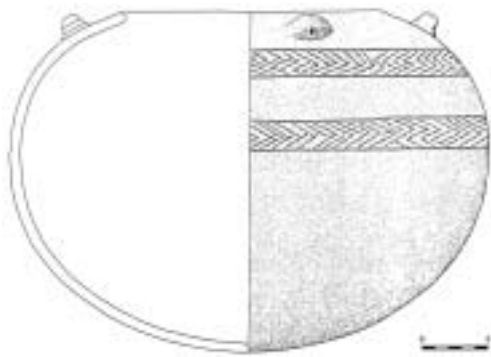


FIG. 23 – Vaso esférico do Penedo do Lexim (Gonçalves, J., 1992, p. 225).

uma cronologia mais antiga (anterior ao pente/pontilhado do campaniforme). A presença de um fragmento decorado a pente na camada 2 de Liceia (Calcolítico pleno) poderá indicar uma cronologia possível. A distribuição espacial deste tipo de decoração parece agora alargar-se a toda a Estremadura, não se confirmando as hipóteses levantadas de se tratar de um motivo específico de uma área Norte da Estremadura (sendo Mafra o ponto mais meridional) já que surgem em Liceia e Penha Verde.

Foi publicado um vaso esférico inteiro observado por Ludgero Gonçalves no *Centro de Estudos do Património Tradicional da Região Oeste* (Mafra) mas que actualmente não se encontra no Museu Municipal de Mafra. Este vaso apresenta duas faixas horizontais com pontilhados em espinha delimitados por caneluras e tem a particularidade de apresentar dois pares de asas. Foi recolhido no Penedo do Lexim.

É referido igualmente “um pequeno vaso hemisférico do Penedo do Lexim (...) apresentam motivos pontilhados, em espinha, feitos com pente de dentes afastados” (Gonçalves, J., 1990, p. 216).

### 1.2.5 Campaniforme

A informação publicada e a observação do espólio disponível parece indicar a total ausência da cerâmica campaniforme no Penedo do Lexim, tendo sido o povoado abandonado em momentos anteriores ao advento da cerâmica campaniforme e reocupado somente no Bronze Final. Apesar das aparências indicarem esta situação, é importante lembrar o estado extremamente amputado dos dados disponíveis, não esquecendo que num primeiro momento da investigação (Arnaud, Salgado e Jorge, 1971), não foi sequer reconhecida a ocupação do Neolítico final/Calcolítico apenas identificada numa posterior fase dos trabalhos de escavação.

A completa ausência da cerâmica campaniforme num povoado como o Penedo do Lexim resultaria incompreensível face ao que se conhece para outros contextos similares.

Aceitar e compreender a proposta referente ao Zambujal, que coloca o campaniforme marítimo em momentos recuados da utilização e construção daquele povoado fortificado é assim cada vez mais difícil.

O caso de Liceia permanece por clarificar. As primeiras publicações deste povoado calcolítico colocavam o campaniforme nas suas fases finais (Cardoso, 1989, 1993, 1995c) mas recentes trabalhos colocam estes materiais numa cronologia mais antiga (Cardoso e Soares, 1987).

#### 1.2.5.1 Pontilhado marítimo

Para as cerâmicas campaniformes marítimas tem sido proposta uma dupla gramática decorativa (Gonçalves, V., 1971; Soares e Silva, 1974-75; Harrison, 1979).

1. cerâmica com linhas paralelas impressas (campaniforme marítimo linear).
2. faixas horizontais preenchidas com linhas obliquas (campaniforme marítimo Herringbone segundo Harrison, 1979) que alternam com campos lisos, geralmente com perfis sinuosos sem ângulos pronunciados.

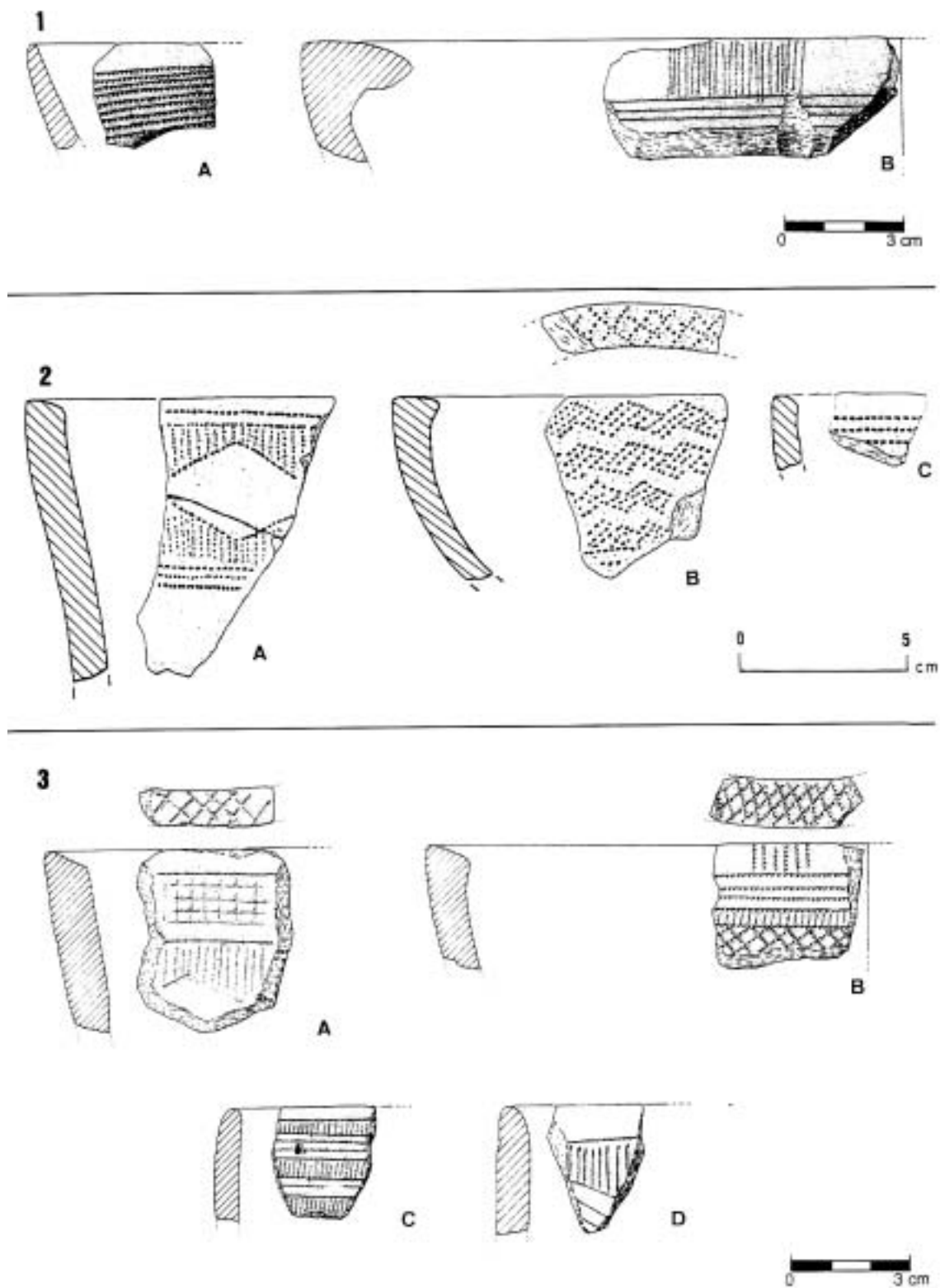


FIG. 24 – Imagens de conjuntos campaniformes provenientes de sítios da área da Ribeira de Cheleiros. 1 - Anços segundo Cardoso e Carreira, 1996, fig. 19 (a, b); 2 - Casas Velhas segundo Carreira e Lopes, 1994, est. 5, 6 (a, b, c); 3 - Alto do Montijo segundo Cardoso e Carreira, 1996, fig. 19 (a, b, c, d).

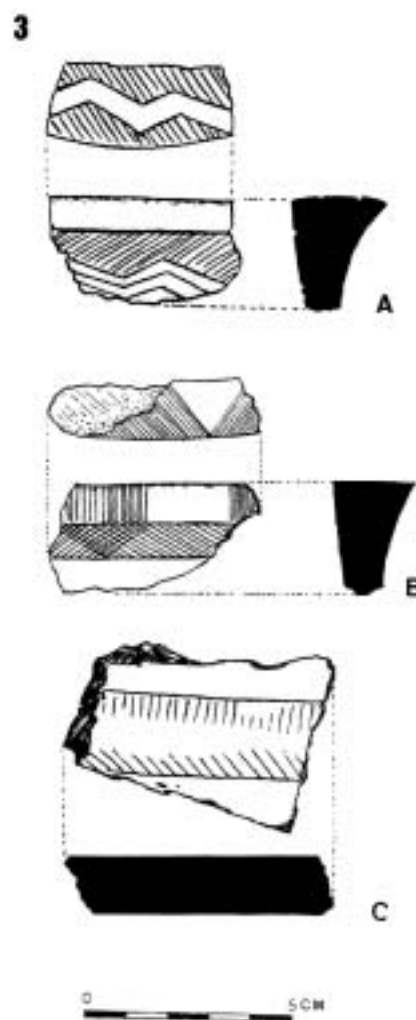
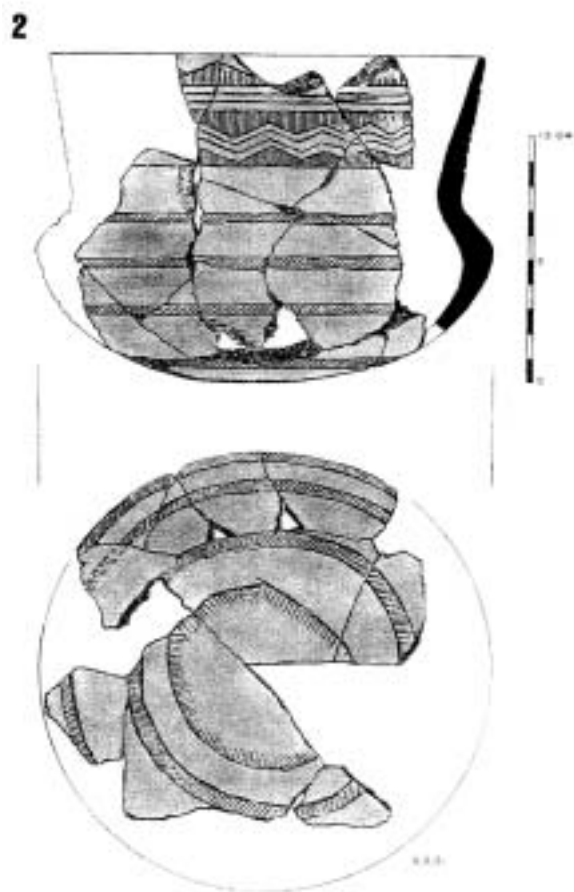
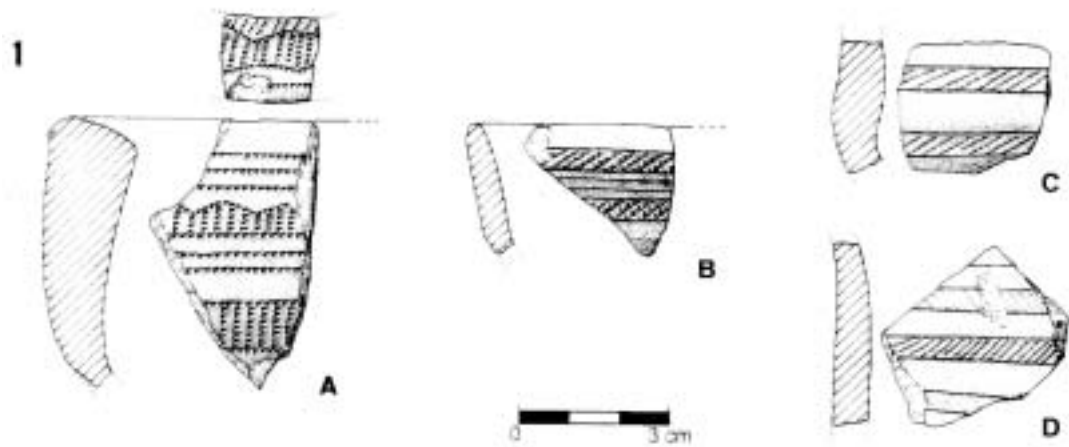


FIG. 25 – Imagens de conjuntos campaniformes provenientes de sítios da área da Ribeira de Cheleiros. 1 - Negrais segundo Serrão, 1982 (a); 2 - Funchal segundo Cardoso e Carreira, 1996 (a, b, c, d); Olelas segundo Serrão e Vicente, 1959a.

A este grupo cerâmico campaniforme é atribuída uma cronologia mais antiga assim como origens extra-locais. Ainda que se considere que “não acusando quer na morfologia, quer na temática e técnicas decorativas indícios claros de filiação nas cerâmicas de níveis calcolíticos anteriores” (Soares e Silva, 1974-75) ou que se procure relação de continuidade entre os níveis calcolíticos (nomeadamente com a função dos copos), está por esclarecer o balizamento cronológico deste tipo cerâmico, presente também em contextos mais tardios (Senna-Martinez, 1994).

Este tipo de decoração tem uma presença muito restrita nos povoados da área: apenas um fragmento no Funchal (um fragmento de bojo com uma superfície polida e pasta compacta), em Anços (vários fragmentos com uma pasta pouco compacta e superfície rugosa) e também em Casas Velhas.

Anços com cerâmica campaniforme marítimo sem quaisquer indícios de uma ocupação anterior (expressa nos materiais de superfície): abandono da comunidades que habitavam no Penedo do Lexim e transposição da Ribeira?

Em Olelas o campaniforme marítimo tem uma presença muito escassa (dois fragmentos no conjunto identificado).

Apesar de ser reduzida a presença de campaniforme marítimo em povoados, este está presente em necrópoles da área Norte da Serra de Sintra existindo em contextos como na anta das Pedras da Granja onde se regista um conjunto de vasos campaniformes marítimos ou no *tholos* da Tituaria já fora da área em estudo.

#### 1.2.5.2 *Pontilhado geométrico*

Associação de técnicas de pontilhado com motivos geométricos (triângulos, linhas em ziguezague, chevrons...).

O Grupo Palmela representa a imitação local de uma decoração cerâmica sob formas já conhecidas do fundo neolítico-calcolítico: tratam-se sobretudo de formas simples baseadas nas formas da esfera (hemisferas, esferoidais e sobretudo taças). A técnica de decoração deste grupo também é relacionada com o pontilhado. Tem-se considerado este grupo como posterior ao Campaniforme Marítimo mas essa relação não é ainda de mútua exclusão, uma vez que “nos níveis campaniformes da Rotura, os vasos campaniformes internacionais e as taças campaniformes pontilhadas coexistem comprovadamente” (Gonçalves, V., 1994, p. 208).

#### 1.2.5.3 *Campaniforme inciso*

Apesar de transcender os limites cronológicos deste trabalho, deve referir-se a abundância de sítios com cerâmica campaniforme incisa, denunciando uma malha de povoamento muito disseminada e que, por vezes, coincide com uma estratégia semelhante ao Neolítico Final.

Para a área da Ribeira de Cheleiros são particularmente importantes os sítios de Negrais, Funchal, Anços, Casas Velhas, surgindo em todos os sítios analisados com exceção de Penedo do Lexim. Esta presença maciça em povoados da área contrasta com o que sucede com o campaniforme marítimo.

O campaniforme inciso parece constituir a face material de um Calcolítico final/Bronze inicial com estrutura de povoamento muito disseminada.

## 2. Outros artefactos cerâmicos

### 2.1 Pesos de tear

---

São bastante reduzidas as evidências de tecelagem nos sítios em análise. Com efeito, os pesos de tear quadrangulares (provavelmente com quatro perfurações) característicos dos povoados estremenhos surgem circunstancialmente em Negrais e Alto do Montijo. Para o Penedo do Lexim pode assinalar-se a existência de um fragmento no Museu Municipal de Mafra e ainda um outro recolhido nas escavações de J. Arnaud e que se encontrava “decorado em ambas as faces com finas incisões obliquas e paralelas” (Arnaud, Salgado e Jorge, 1971). Pode ainda referir-se um provável peso em pedra para o povoado de Casas Velhas (Carreira, 1994). Contraste com o que sucede para as áreas meridionais onde os pesos de tear (em placa e também em crescente) estão associados a povoados integráveis num Neolítico Final, situado na segunda metade do IV milénio a.C. traduzindo uma exploração secundária dos novos recursos.

Além desta diferenciação, é patente que não são muito abundantes os pesos de tear (fragmentados ou inteiros) em alguns povoados da Estremadura (ou pelo menos não são particularmente referenciados, como por exemplo sucede em Liceia), quando se compara com o Alentejo e Algarve onde foram identificadas prováveis áreas de actividade de tecelagem (Santa Justa, Mangancha).

### 2.2 Queijeiras

---

Registam-se presenças escassas de Negrais, Alto do Montijo, Anços, Casas Velhas. Para o Penedo do Lexim conhece-se um conjunto mais numeroso (pouco mais de uma dezena de fragmentos de prováveis mangas, cinchos e uma forma fechada de difícil compreensão) à semelhança do que sucede em outros povoados fortificados como no Zambujal e Liceia.

A diversidade de formas – mangas abertas, formas cilíndricas, formas mais ou menos fechadas – de bordos e até de dimensão das perfurações, poderá traduzir eventualmente ter alguma expressão em termos funcionais não inteligível actualmente.

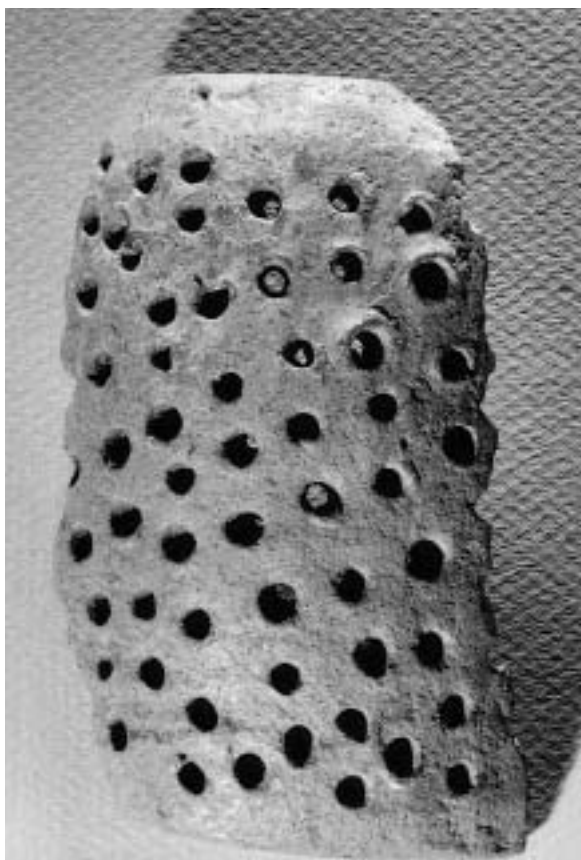


FIG. 26 – Queijeira proveniente do Penedo do Lexim (fotografia de Victor S. Gonçalves).

### 3. Pedra polida

Os artefactos de pedra polida de anfibolito, de xisto do Ramalhão ou de fibrolite surgem em todos os contextos em estudo. Penedo do Lexim, Negrais, Anços e Casas Velhas têm um número de artefactos de pedra polida consideravelmente elevado e morfologicamente variado.

Os dados relativos aos artefactos de pedra polida de todos os sítios do vale de Cheleiros encontram-se descritos na primeira versão deste trabalho. Deve-se salientar que em todos os conjuntos (mais numerosos em Penedo do Lexim, Negrais, Anços e Casas Velhas) dominam as secções rectangulares/sub-rectangulares, como aliás sucede na generalidade dos sítios do III milénio. A associação exclusiva dos artefactos de pedra polida com secção circular a momentos mais recuados no Neolítico é hoje ainda difícil de determinar, não sendo óbvia a diferenciação funcional entre este tipo de artefactos. Apenas foram identificados machados com secção circular em Anços, Barreira, S. Miguel de Odrinhas, Negrais-Barruncheiros (e dois fragmentos de machado em Penedo do Lexim).

Em quase todos os artefactos de pedra polida de anfibolito e fibrolite da Ribeira de Cheleiros se verifica um polimento total de toda a superfície do artefacto (bordos e faces) contrastando com o tratamento dos artefactos de xisto local, bastante menos cuidado. Este polimento de toda a superfície de um artefacto de matéria-prima exógena é particularmente curioso quando confrontado com o que sucede para o Sul do país (Alto Alentejo) em que se verifica uma grande diversidade no tratamento dos bordos e faces dos utensílios. Um dos poucos artefactos de anfibolito (inteiros) que não apresenta este polimento integral é um machado de secção circular, proveniente de Anços, em que a metade da sua superfície (parte proximal) está picotada, talvez preparando um encabamento.

Apesar da pedra polida constituir um elemento fundamental para a compreensão das comunidades do IV e III milénio da Baixa Estremadura, não existe uma correcta publicação que possa evidenciar as suas características morfológicas, traços de utilização e origem de matérias primas.

A morfologia das secções é usualmente o único descritor utilizado, assumindo esta significados cronológicos mas sem adiantar quaisquer explicações de funcionalidade e cinemática de utilização dos artefactos. As secções da pedra polida são maioritariamente rectangulares e sub-rectangulares, em Negrais como no Penedo do Lexim.

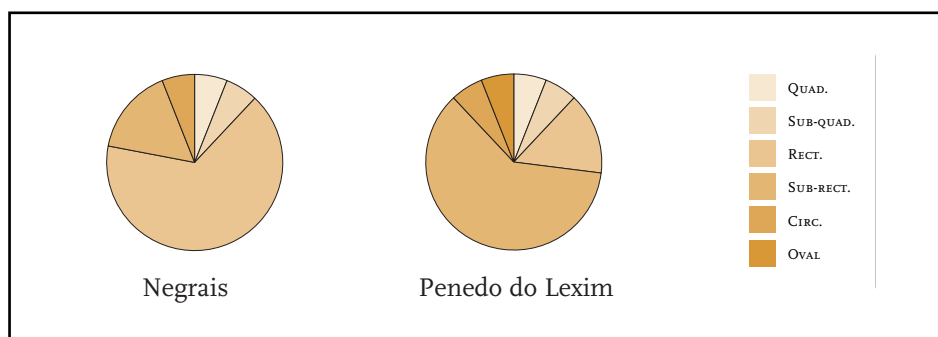


FIG. 27 – Secções dos artefactos de pedra polida de Negrais e Penedo do Lexim.



Em Negrais são dominantes as secções rectangulares/sub-rectangulares perfazendo 72,5% num universo de 40 artefactos de estado de conservação variável.

São possíveis algumas considerações sobre a pedra polida do Calcolítico da Península de Lisboa:

- dominam as secções poligonais (sobretudo rectangulares e sub-rectangulares), existindo também alguns artefactos com secções ovais e circulares (Penedo, Pedra do Ouro, Fórnea);
- aparentemente o anfíbolito é a matéria-prima mais utilizada (Cardoso e Carvalhosa, 1995), recorrendo-se igualmente a matérias xistosas locais com pior qualidade. Os valores percentuais da presença de anfíbolito são semelhantes aos de Liceia (na ordem dos 70%) pressupondo redes de troca extra-regionais;

Os **machados** estão presentes em praticamente todos os sítios em análise, maioritários dentro da pedra polida. Diversas morfologias de machados de pedra polida, integrando dimensões e formas muito díspares, que não evidenciam funcionalidades específicas de utilizações.

Foram identificadas **enxós** (inteiras e fragmentadas) em Negrais e Anços. No primeiro destes sítios as enxós são sistematicamente de secção quadrangular e sub-quadrangular. Do Penedo do Lexim foi publicada em 1971 “uma pequena enxó de fibrolite” (Arnaud, Salgado e Jorge, 1971, p. 121).

Para a área em estudo, foram identificados machados com uma estreita superfície polida na parte distal em Anços (3), Penedo do Lexim (2), Negrais e Alto do Montijo (1). Distinguem-se particularmente os machados do Penedo do Lexim que parecem apresentar vestígios de minério na parte distal (ver foto 28). Estes artefactos são realizados fundamentalmente sobre anfíbolito embora também surjam sobre xisto local em Anços e Negrais.

Que interpretação da real funcionalidade destes machados? Para Liceia foi avançado que “seriam utilizados em operações de martelagem de precisão, como as requeridas no fabrico de artefactos de cobre” (Cardoso, 1994, p. 103). Muito embora esta funcionalidade pressuponha a presença de metalurgia local (só atestada em Liceia no Calcolítico pleno), paradoxalmente o autor das escavações refere que “em Liceia eles já ocorrem no Neolítico Final” (Cardoso, 1989, p. 104) mas sem evidência de cobre após a realização de análises (Cardoso, Soares e Silva, 1996).

Que funcionalidade para os artefactos de pedra polida com uma superfície distal plana, secção circular, bordos paralelos divergentes e forma cónica?

Estes artefactos de pedra polida surgem no Penedo do Lexim (Estampa 12, n.º 7) e em Negrais (Estampa 18, n.º 7) em anfíbolito. As características acima referidas estão ausentes dos (poucos) artefactos de pedra polida publicados e descritos no Centro e Sul de Portugal não sendo possível avançar com uma explicação funcional plausível. Deve-se realçar o facto que a parte plana destes artefactos apresenta sinais de utilização (polimento estriado e algum impacto nos limites externos da superfície plana).

Para Carnaxide é referida a presença de “alguns exemplares de secção transversal oval, quase circular, polidos em cunha, em que o gume foi substituído por uma superfície plana, igualmente polida” (Andrade e Gomes, 1958, p. 141), se as palavras sugerem os artefactos de Penedo do Lexim e Negrais, as imagens oferecem uma leitura pouco nítida parecendo simples machados reaproveitados como percutores. Também as ilustrações dos artefactos de pedra polida do povoado da Pedra d’Ouro incluem um artefacto de pedra polida deste tipo (Leisner e Schubart, 1966, Abbildung 8, n.º 2).

## 4. Pedra lascada

“Tout au long du Calcolithique en effet, la technologie de la pierre taillée va réaliser d’étonnantes progrès pour d’une certaine manière chercher à concurrencer le métal rouge”

Séfériadés, 1991, p. 326

Apesar das inúmeras dificuldades no estudo de conjuntos de pedra lascada descontextualizados é possível tecer algumas linhas de leitura sobre os casos em análise. Numa área com fácil captação de matéria-prima siliciosa é abundante e diversificada a morfologia dos líticos da Península de Lisboa no IV e III milénios a.C.

A indústria de pedra lascada não inclui somente uma dimensão funcional, puramente tecnológica, mas envolve outro tipo de desígnios sociais e de estilos. A diversidade das formas das pontas de seta, por exemplo, não é apenas um reflexo de evoluções tecnológicas cumulativas, correspondendo a alterações de curto prazo, para as quais têm sido propostas seriações cronológicas, tal como se faria com recipientes cerâmicos. Outros artefactos de pedra lascada surgem constantemente associados a contextos de necrópole, como as albardas, na área da Península de Lisboa, ou as grandes lâminas no Alentejo, com uma reduzida expressão doméstica.

O sílex é a matéria-prima dominante, ocasionalmente de quartzo (nos menires da Barreira) ou de quartzo hialino (Penedo do Lexim, Negrais-Barruncheiros e Negrais-Pedraceira). Na impossibilidade de distinguir os vários tipos de sílex, incluíram-se sob uma mesma designação uma variedade de tipos. No entanto, é óbvia a existência de vários tipos e qualidades de sílex denunciando uma variedade de prováveis proveniências.

Dos sítios em análise, sem dúvida que Negrais-Pedraceiras evidencia um tipo de ocupação particular, uma vez que a indústria de pedra lascada é largamente maioritária (72%), correspondendo sobretudo a um enorme número de resto de talhe. Em Barruncheiros esta situação é menos visível (43% de artefactos de pedra lascada). Em todos os outros povoados, as presenças são constantes e quantitativamente menos representativas, com excepção de Anços com abundância de pedra lascada e, em S. Miguel de Odrinhas, onde esta corresponde a 80% do total de artefactos identificados. Estas quantificações relativas poderão testemunhar uma morfologia de ocupação específica.

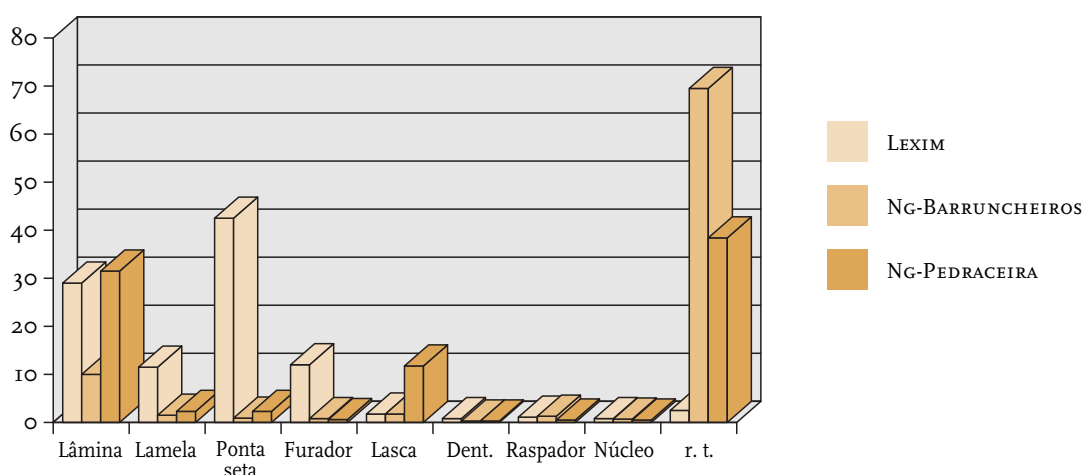


FIG. 28 – Artefactos de pedra lascada de Lexim, Negrais - Barruncheiros e Negrais - Pedraceiras.

Comparando o tipo de artefactos referenciados para dois sítios de Negrais (Pedraceiras e Barruncheiros) e para o Penedo do Lexim podemos verificar que, aqui, o número de artefactos concluídos (nomeadamente pontas de seta ou lâminas) é comparativamente mais elevado que o número de resto de talhe, verificando-se uma situação inversa para os sítios de Negrais. O reduzido número de lascas (retocadas ou não) e de subprodutos de talhe para o Penedo do Lexim poderá dever-se a uma “escolha” propositada dos artefactos, já que a colecção se encontra descontextualizada. No artigo publicado em 1971, os autores da primeira escavação referiam a existência de várias lascas e restos de talhes nos dois momentos de ocupação calcolítica. De igual forma se pode compreender a rarefacção de alguns artefactos como por exemplo os raspadores perante outros artefactos mais facilmente “reconhecíveis” como as pontas de seta ou as lâminas. A comparação destes dados com os dados preliminares de Liceia parece confirmar que as aparências são mesmo um reflexo de uma amostra tendenciosa: na camada 2 e 3 o número de artefactos de pedra lascada corresponde apenas a um valor reduzido de todo o universo de pedra lascada (36,6% para a C2 e 30,8% para a C3).

Os artefactos de pedra lascada dificilmente podem assumir uma função periodizante, mantendo-se os mesmo tipos por uma longa cronologia. A seriação cronológica dos artefactos de pedra lascada para o IV e III milénio a.C. não pode ser efectuada numa malha muito fina uma vez que grande parte da utensilagem lítica tem uma larguíssima duração no tempo. Duas realidades subsistem paralelamente: manutenção de utensilagem base com origens mais antigas (lascas, lamelas e lâminas, raspadores) e algumas novidades (sobretudo os foliáceos) numa tendência generalizada para uma “desmicrolitização” da pedra lascada (Cava Almudena, 1995).

Alguns artefactos como as pontas de seta, e em geral todos os foliáceos, surgem como novidades que podem fornecer alguma informação cronológica e das novas realidade tecnológicas. Na ausência de estudos sistemáticos de indústrias líticas estratigrafadas para povoados do Neolítico final e Calcolítico da Estremadura, muitas dúvidas se colocam: apenas para Liceia (numa fase preliminar dos trabalhos) e no Zambujal (por ora muito superficialmente) foram publicados elementos de inter-relação entre a industria de pedra lascada e a cronologia relativa e absoluta.

Se uma abordagem tipológica com objectivos periodizantes e culturais só pode ser efectuada muito circunstancialmente, a natureza descontextualizada dos sítios em análise também dificulta a prossecução de leituras tecnológicas e de funcionalidade.

Artefactos foliáceos como as pontas de seta, as lâminas ovóides ou rectas, as alabardas e os punhais não seriam totalmente fabricados no perímetro do povoado. Existiriam locais onde se processavam as primeiras fases da cadeia operatória dos foliáceos incluindo “obtenção de blocos de matéria-prima, extracção de suportes, afeiçoamento bifacial, abandono dos resíduos” (Zilhão, 1995, p. 31-13). Os artefactos seriam então ultimados no povoado, tratando-os por polimento e aquecimento e retocando os esboços por pressão (Zilhão, 1995, p. 31-13).

Os primeiros elementos de um estudo sistemático sobre a indústria lítica do Zambujal (Uerpmann, 1995) não são muito esclarecedores, pois embora seja afirmado que apenas as formas primárias como as lamelas, as lâminas pequenas e as lascas de tamanho pequeno e médio foram obtidas no povoado, é referido que “pelo menos algumas das foliformes foram produzidas no próprio castro” (Uerpmann, 1995, p. 40).

A associação destes artefactos a uma cronologia absoluta e relativa é também pouco clara já que são escassos os contextos seguros e datados cronometricamente.

Em Negrais-Pedraceiras, S. Miguel de Odrinhas, Penedo do Lexim, Olelas, Barreira foram identificados artefactos foliáceos (lâminas ovóides e pontas de seta) permitindo constatar a heterogeneidade de contextos onde surgem estes artefactos. Se considerarmos as combinações de artefactos como forma de caracterizar os contextos então estaríamos na presença de um artefacto com uma larga divulgação, muito embora os condicionalismos tecnológicos e conceptuais que estes materiais indicam nos levem a idealizar associações bem mais restrita no tempo e nos tipos de habitats.

Para outras áreas peninsulares, deverá referir-se a aparição de foliáceos estratigrafados em Los Alcores e El Abalate, onde estes artefactos estão documentados desde o Neolítico final e integrados e assimilados nos primeiros momentos do Calcolítico (Ramos Muñoz, 1995). O recente estudo de Liceia demonstra a existência foliáceos (foices, lâminas) no nível de Neolítico final (Cardoso, Soares e Silva, 1996). A distribuição espacial deste tipo de artefactos é também alargada: praticamente ausentes de contextos alentejanos, surge na Andaluzia e Meseta.

O estudo de oficinas de talhe consideradas calcolíticas na área de Rio Maior (Arneiro, Passal, Casas de Baixo) vem evidenciar a especialização da produção destes artefactos líticos (Zilhão, 1994) em determinadas oficinas de talhe. Igualmente se pode constatar que as grandes lâminas calcolíticas que surgem em contextos de necrópole ou as alabardas (presentes na Folha das Barradas, por exemplo) teriam idêntico procedimento.

#### 4.1 Lâminas

---

Os utensílios alongados surgem com grande abundância em Negrais, especialmente no sítio das Pedraceiras (84 lâminas e 32 lamelas).

O estado destes artefactos é muito fragmentado, verificando-se apenas a presença de duas lâminas inteiras (lâminas ovóides). Das lâminas de Negrais, 21,5% corresponde a fragmentos distais, 41% a fragmentos mesiais e 35,3% a fragmentos proximais.

As lâminas de Negrais são maioritariamente retocadas (53,5%). Este retoque é sobretudo unifacial (82%) apenas 18% dos fragmentos têm um retoque bifacial.

O ângulo do retoque dos utensílios alongados (lâminas e lamelas) é maioritariamente oblíquo (62%), verificando-se igualmente retoque rasante (24,5%), abrupto (11,2%) e vertical (2,3%).

Para o Penedo do Lexim, o número de lâminas é bastante circunscrito (talvez devido ao tipo de recolhas efectuadas), com secções trapezoidais e retoques em ambos os bordos.

Na área da Ribeira de Cheleiros as lâminas ovóides surgem em contextos muito diferentes (como já foi referido). Este artefacto surge nos sítios calcolíticos da Estremadura com uma amplitude cronológica pouco clara, mas que deverá englobar os finais do IV milénio e todo o III milénio.

A funcionalidade das lâminas/facas foi objecto de um dos primeiros (e não houve muitos) estudos de funcionalidade para o Neolítico e Calcolítico em Portugal (Serrão e Vicente, 1980). O estudo de vários sítios com lâminas ovóides, entre os quais o complexo de Negrais (na altura objecto de estudo de Cunha Serrão e Prescott Vicente) tornou possível afirmar que “as lâminas ovóides e sub-rectangulares neolíticas e calcolíticas do nosso território seriam muito provavelmente utilizadas como lâminas cortantes de uso doméstico, para cortar carnes, umas para aguçar, outras e, em casos mais raros, para raspar” (Serrão e Vicente, 1980, p. 43). A sua associação à ceifa não parece assim função exclusiva (pelo menos para a generalidade destes artefactos).

Apesar de reduzido, o conjunto das 13 lâminas foliáceas do Penedo do Lexim parece traduzir algumas das características destes artefactos: retocados bifacialmente (apenas uma lâmina com retoque unifacial) através de uma técnica rasante que cobre a totalidade da peça; forma ovóide (10) ou rectangular (três). A regularidade morfológica destes artefactos é atestada pela comparação com o recente estudo de foliáceos provenientes de Vila Nova de São Pedro e de uma oficina de talhe calcolítica (Olival do Passal). Curiosamente estes são os únicos contextos que apresentam um estudo sistemático apesar de se integrarem numa tese sobre o Paleolítico Superior (Zilhão, 1995, p. 31-10/16). A largura e espessura médias obtidas para Vila Nova de São Pedro ( $3,10 \pm 0,80$  e  $0,92 \pm 0,26$  cm) é semelhante aos foliáceos do Penedo do Lexim (2,78 e 0,7 cm) e do Olival do Passal ( $4,08 \pm 1,04$  e  $0,92 \pm 0,26$  cm) com medidas sensivelmente superiores já que se tratariam de esboços a ultimar em outras áreas de actividade (Zilhão, 1995).

Para os sítios de Negrais foram apenas identificadas três (3) lâminas foliáceas (uma delas inteira e dois fragmentos proximais). Uma das lâminas apresentava uma extremidade pontiaguda descentrada numa funcionalidade pouco clara.

Também em S. Miguel de Odrinhas foram recolhidos dois fragmentos proximais de lâminas foliáceas (ovóides), uma delas talvez correspondendo a um exemplar inacabado. Na área dos menires da Barreira foi recolhido um fragmento mesial de artefacto foliáceo.

## 4.2 Lamelas

---

As lamelas surgem praticamente em todos os sítios em análise: no Penedo do Lexim, Negrais-Barruncheiros, Negrais-Pedraceiras, Funchal, Anços, Alto do Montijo. Estes artefactos são fabricados em sílex ou em quartzo hialino.

Em Negrais as lamelas são maioritariamente de secção trapezoidal (77,7%), surgindo também de forma triangular (22,3%).

Para o Penedo do Lexim deve-se realçar a uniformidade das lamelas: em todas elas a espessura é de 0,2 cm; apresentam a secção trapezoidal (uma com secção triangular), sem retoque (uma retocada em ambos os bordos).

## 4.3 Pontas de seta

---

Em termos tecnológicos, a maioria das pontas de seta em análise correspondem a uma realidade acima referida (os foliáceos), podendo corresponder a um situação semelhante de especialização de fabrico de algumas das pontas de seta mais evoluídas, conforme sucede no Sudeste peninsular, no fortim n.º 1 de Los Millares (Molina [et al.], 1986) e em Almizaraque (Siret, 1948) onde se documentou a presença de uma oficina de pontas de seta.

As pontas de seta estão totalmente ausentes de Negrais-Barruncheiros mas em Pedraceira surgem algumas (quatro exemplares com base pedúnculo triangular e base côncava). Do Penedo do Lexim, pude observar um conjunto reduzido (28) mas com grande diversidade formal.

A heterogeneidade de formas e retoques das pontas de seta tem despoletado vários tipos de abordagens, maioritariamente de natureza tipológica. Desde os trabalhos pioneiros de Vera Leisner (1943, 1959, 1965), Susana Oliveira Jorge (1978, 1986) que se tem efectuado propostas de descrição e seriação para pontas de seta. As necrópoles constituem muitas vezes a base desse trabalho (mesmo em estudos recentes como Arias González

e Jiménez González, 1990 ou Cava, 1985) e a única proposta para contextos estremenhos é ainda preliminar (Uerpmann, 1995 sobre o Zambujal).

Ao Calcolítico das muralhas e torres da Estremadura está associada a abundância de projecteis: no Zambujal estas ascendem a “30% da peças retocadas” (Uerpmann, 1995, p. 39) e em Vila Nova de S. Pedro seriam muitos milhares não quantificados: “ainsi, paradoxalement, lorsque le chasseur est remplacé par le paysan et l’élèveur, le nombre des arames augmente subitement” (Camps, 1992, p. 12). Paralelamente surgem sítios com maior precaridade habitacional, como o Alto do Dafundo, onde não se recolheram quaisquer pontas de seta.

Este “armamento” não surge tão fortemente representado em povoados fortificados de outras áreas: o número de pontas de seta é consideravelmente inferior em Monte da Tumba (Silva e Soares, 1986: sem quantificação) e em Santa Justa (Gonçalves, V., 1989: 46 pontas de seta) existindo um maior número de pontas de seta em contextos de necrópole. Além dos diferentes valores de presenças relativas (sempre problemáticos, uma vez que os artefactos de pedra lascada neste povoados são em número reduzido) a maior diferença consiste na maior uniformidade de formas, contrastando com o que parece acontecer na Estremadura. Também em áreas a Norte como para a região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (Jorge, 1986), o número de pontas de seta é mais reduzido embora aqui o leque de formas seja também bastante amplo.

Estudos etnográficos avançam com explicações funcionais e simbólicas para esta variedade formal de pontas de seta: adequação funcional ao tipo de caça ou opções inter-grupais.

Em termos estritamente tipológicos a variedade de perfis, bases, bordos poderá corresponder a uma maximização do poder de penetração (Arias González e Jiménez González, 1990) com diferenciações cronológicas pouco claras (vejam-se as presenças de pontas de seta do Neolítico final de Liceia).

Apesar das lacunas de sistematização, os vários tipos de pontas de seta são constantemente utilizadas como critério periodizante do IV e III milénio a.C. Seria necessário identificar contextos datados para compreender se as diferentes pontas de seta podem ser explicadas segundo uma sucessão evolucionista. No actual estado dos conhecimentos “não se deve esperar a existência de horizontes claramente definidos para os diferentes tipos de ponta de seta calcolíticas” (Uerpmann, 1995). Apesar destas precauções, deve-se referir que para o Zambujal e Liceia as pontas de seta mitriforme surgem sobretudo nas camadas mais antigas, bem como as de base recta.

Quanto ao tipo de bases, verifica-se uma distribuição equilibrada dos vários tipos. Os bordos das pontas de seta são rectos (11), convexos (9), côncavos (2), mitriformes (2).

Para o Penedo do Lexim as pontas de seta observadas correspondem maioritariamente a artefactos inteiros (16 inteiros, cinco fragmentos proximais-base e sete extremidades distais). Também aqui se verifica a diversidade de bases e bordos:

De todos os artefactos de pedra lascada deste povoado, as pontas de seta evidenciam a maior variedade de tipos de matéria-prima utilizada. Em sílex (e um em chert), apresentam grandes distinções de coloração e qualidade. Esta situação é comum a outros povoados como para o Penedo: “evidentemente a matéria-prima não existia em quantidade suficiente, de maneira que trabalhavam pequenos objectos cortantes, como indicam as três pontas de seta. Também não se importavam de empregar xisto plano e quebradiço para fazer pontas de seta” (Spindler e Trindade, 1969, p. 55) ou em Liceia onde surgem pontas de seta em xisto jaspóide (0,4%) com claras afinidades com a realidade alentejana.

#### 4.4 Furadores sobre lâmina

---

Os furadores sobre lâminas surgem em Casas Velhas, Penedo do Lexim e Negrais.

#### 4.5 Denticulados/elementos de foice

---

De Anços são provenientes cinco elementos de foice com lustre de cereal (em sílex e quartzo leitoso). A morfologia da maioria destes artefactos levam-me a colocá-los numa cronologia mais recente, provavelmente no Bronze Final. Também deste sítio é proveniente um denticulado em quartzo, também com o brilho que se costuma interpretar como lustre de cereal.

Em Negrais surgem alguns denticulados, devendo-se realçar a existência de um elemento de foice proveniente de Pedraceiras. Em S. Miguel de Odrinhas, um fragmento de lâmina com denticulado que apresenta o característico lustre de cereal.

#### 4.6 Lascas

---

Muito abundantes em Negrais-Pedraceiras, Negrais-Barruncheiros, Anços, Funchal e na Barreira. Estes artefactos têm como suporte maioritário o sílex e, no último destes sítios, também em quartzo leitoso. Muitas das lascas apresentam retoque e sinais de utilização.

## 5. Pedra afeiçãoada

O reduzido número de artefactos de pedra afeiçãoada é sem dúvida o reflexo da proveniência da maioria destes materiais arqueológicos: escavações antigas e recolhas de superfície não sistemáticas que privilegiam outras recolhas mais óbvias... O prévio conhecimento da cultura material é premissa indispensável para a sua “visibilidade” no registo arqueológico e a base para a sua interpretação.

#### 5.1 Percutores

---

Os percutores recolhidos em Funchal, Penedo do Lexim, Negrais, Odrinhas são de matéria-prima diversa (incluindo sílex em S. Miguel de Odrinhas) mas de captação provável próxima e com morfologias diversas (desde as formas esféricas até aos percutores alongados).

#### 5.2 Moventes e dormentes

---

São escassos os artefactos que indicam actividades de farinação nos conjuntos artefactuais em análise. Moventes e dormentes estão presentes em sítios como Penedo do Lexim, Negrais e Alto do Montijo embora sem a representatividade que se manifesta em

sítios do Alentejo e Algarve. Mesmo considerando a pouca atenção que foi dispensada a este tipo de artefactos e a ausência de estudos sistemáticos (até ao momento dos trabalhos realizados por Victor Gonçalves no Alto Algarve Oriental e mesmo depois deles), os povoados calcolíticos da Península de Lisboa registam uma relativa escassez de evidências de farinação, conforme foi salientado nas escavações realizadas em Liceia e interpretada como “reflexo de uma agricultura mais diversificada, mais hortícola (conforme parece indicar a abundância de machados com vestígios de pancadas violentas, casualmente utilizadas como sachos) e menos cerealíferas que a praticadas no Alentejo e Algarve?” (Cardoso, 1989, p. 107). Para alguns dos povoados mais investigados desta área, como o Zambujal, é apenas referida a presença dos elementos de moagem, embora não se proceda a qualquer contabilização e caracterização.

## 6. Metalurgia

O actual estado dos conhecimentos relativo à metalurgia do cobre da Península de Lisboa não permite uma eficaz perspectivação da natureza desta matéria - prima. Contrariamente ao que se começa a conhecer para o Alentejo (Soares, Araújo e Cabral, 1994), a informação disponível ainda não permite perspectivar os dados dos diferentes sítios com prática da metalurgia do Cobre.

As peças de cobre do povoado pré-histórico de Liceia ascendem às “dezenas de objectos de cobre” (Cardoso, 1989, p. 102). Estas peças de cobre foram associadas ao Calcolítico pleno (fase 2) “numa altura em que todo o dispositivo se encontrava já desactivado, e em parte, arruinado, demonstrando a independência das duas realidades: metalurgia e fortificação” (Cardoso, 1994, p. 123).

Os artefactos metálicos apenas estão presentes no Penedo do Lexim (e em Olelas). Não foi efectuada qualquer análise de natureza metalográfica para estes artefactos mas aparentemente deverão ser de cobre, com um grau de corrosão desigual.

Para o Penedo do Lexim contam-se alguns fragmentos de punções, furadores, serra, fragmentos de machados, escopro. Provenientes de escavação (estrato B) é ainda um anel e um fragmento de uma lâmina com gume serrilhado (Arnaud, Salgado e Jorge, 1971).

Em Olelas também surgem artefactos metálicos: “o cobre (punção e pequenas contas esféricas perfuradas) se manifestava por dados estratigráficos, dissociado de um nível puro do Neolítico Médio” (Serrão, 1979).

## 7. Utensílios de osso

A natureza perecível dos artefactos osteológicos leva a que estes sejam recolhidos quase exclusivamente no decursos de escavações, pelo que apenas o Penedo do Lexim e Negrais podem ser considerados. Para este último sítio (ou sítios) a evidência limita-se a um furador sobre uma metápode de *ovis* ou *capra*.



Seria importante identificar as matérias-primas que foram trabalhadas com estes artefactos e da funcionalidade/rentabilidade deste tipo de artefactos (de fácil aquisição mas em menor número que os seus congéneres líticos).

Para o Penedo do Lexim, pude verificar a existência de alguns artefactos sobre osso, nomeadamente: furadores e punções (obtidos por seccionamento de ossos longos); cabos para fixação de pequenos artefactos metálicos (Cardoso, 1989, p. 107); agulhas; espátulas; punhal; armação de cervídeo polida; cabeça de alfinete decorada.

## 8. Sagrado

Obviamente minoritários são os artefactos relacionados com o sagrado nos povoados em estudo. Em praticamente todos os povoados calcolíticos surgem artefactos que não estão relacionados com a vivência puramente material do povoado. O escasso número destes artefactos em contextos de habitat não permite muitas vezes reconhecer a função que estes exerciam no seu interior. Raras são as vezes em que pudemos verificar a produção destes artefactos em contextos habitacionais, como sucede no Cabeço do Pé da Erra (Gonçalves, V., 1979) onde foi identificado um *atelier* de placas de xisto. Os artefactos de calcário necessitariam igualmente de um trabalho relativamente cuidado para os ídolos cilíndricos e por vezes muito meticuloso para alguns artefactos como as enxós encabadas, os ídolos alcachofra.

Os **artefactos votivos de calcário** aqui identificados reportam-se sobretudo a morfologias mais simples (como os ídolos betilo e os vasilhos em calcário) que mais vezes encontramos referidos no registo arqueológico, denunciando talvez uma possível utilização. Dos sítios do Penedo do Lexim e Casas Velhas são provenientes cilindros-betilos em calcário. Em Olelas é bastante diversificado o conjunto de artefactos de calcário desde graes, até o extraordinário suídeo que foi identificado no monumento n.º 1, ao qual foi atribuída uma função de necrópole.

Em Liceia surge aliás um ídolo calcário que apresenta sinais de utilização (Cardoso, 1989) o que poderia corresponder à uma perda de significado sagrado (em pleno Calcolítico) ou à existência de uma simbologia que é trazida para o perímetro do povoado.

Devem ser também referidos os artefactos votivos do Alto da Vela, recolhidos no século passado e depositados no Museu dos Serviços Geológico. Estes artefactos alongados (35 cm de comprimento) foram interpretados como “relhas de arado votivas” (Gonçalves, V., 1978), paralelizáveis a outros que também se encontram descontextualizados de uma leitura mais específica.

Acerca dos artefactos votivos de calcário presentes nos contextos em estudo, temos de relembrar a proximidade de conjuntos tão significativos quanto a Folha das Barradas e da Samarra e de outros sítios nas proximidades da área.

Foram identificados dois fragmentos de **placa de xisto** gravada em Negrais (Pedraceiras), mas a possibilidade da existência de espaço sagrado (porventura necrópole) em Negrais está ainda por confirmar. O aparecimento de placas de xisto em Negrais seria compatível com uma ocupação do Neolítico final (contrastando com o Penedo do Lexim, onde apenas se conhecem artefactos calcários e ídolos de cornos). Deve-se porém realçar a presença vestigial de placas de xisto em muitos povoados fortificados como Vila Nova de São Pedro, Penedo.

Para além destes artefactos característicos do mundo das necrópoles, devem ainda ser referidos os chamados “**ídolos de cornos**” existentes nos níveis mais antigos do Penedo do Lexim (Arnaud, 1974-77), em Casas Velhas associados ao Neolítico final, bem como em Olelas (Gonçalves, J., 1991).

Perfeitamente único é o **ídolo cerâmico do Alto do Montijo**: pequena placa paralelepédica com a tatuagens faciais. Na proximidade de uma gruta artificial, esta pequena placa indica a permeabilidade do mundo iconográfico do sul peninsular (cf. Est. 25, n.º4).

## 9. Artefactos de adorno

Entre os conjuntos em estudo apenas se recolheram artefactos de adorno no Penedo do Lexim:

- contas de colar de pedra verde do Penedo do Lexim
- concha de *Cerastoderma edule* perfurada, pintada de vermelho (recolhida nas primeiras escavações arqueológicas, no chamado estrato C).
- alfinete de cabeça canelada em osso, proveniente do Penedo do Lexim.